LUIS EDUARDO DE SOUZA

A fascinante história de Chico Xavier



O Homem...
O Fenômeno...
O Médium...
A Obra...
O Mito...

UNIVERSO DOS LIVROS

LUIS EDUARDO DE SOUZA

A fascinante história de Chico Xavier



O Homem...
O Fenômeno...
O Médium...
A Obra...
O Mito...

UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A fascinante história de Chico Xavier

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Haddock Lobo, 347 • 12º andar • Cerqueira César
CEP: 01414-001 • São Paulo • SP
Telefone: (11) 3217-2603 • Fax: (11) 3217-2616
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

LUIS EDUARDO DE SOUZA

A fascinante história de Chico Xavier

São Paulo
2011

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2011 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor-Editorial
Luis Matos

Assistente-Editorial
Noele Rossi
Talita Camargo
Talita Gnidarchichi

Revisão
Juliana Rebelo

Arte
Stephanie Lin

Capa
Zuleika Iamashita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S729d Souza, Luiz Eduardo.

A fascinante história de Chico Xavier / Luiz Eduardo de Souza. – São Paulo : Universo dos Livros, 2011.
128 p.

ISBN 978-85-7930-213-8

1. Espiritismo. 2. Xavier, Francisco Cândido (1910-2002). I. Título.

CDD 920.913391

SOBRE O AUTOR

Luis Eduardo de Souza é jornalista e escritor. Com forte atuação no movimento espírita, há anos estuda o Espiritismo e trabalha como médium, expositor e conferencista. É autor do livro *O homem que falava com espíritos*, biografia de Chico Xavier, e do livro *Desvendando o Nosso Lar*, que fala sobre a vida no Outro Lado. É também colaborador de diversas revistas espíritas.

CAPÍTULO 1
O MITO

Francisco Cândido Xavier. Ninguém consegue ficar indiferente a esse nome. O maior médium de todos os tempos, com mais de 451 livros publicados, não somente é admirado pelos espíritas, mas também por pessoas de todos os segmentos religiosos, políticos e sociais – nacionais e internacionais – que viram a seriedade dos postulados que abraçara e exemplificara durante 92 anos de vida, sendo indicado, inclusive, ao prêmio Nobel da Paz, em 1981, e eleito o cidadão mineiro do século.

Fenômeno é um adjetivo constantemente usado para qualificar este homem singular. Tendo cursado apenas o primário, escreveu centenas de livros e mensagens em vários idiomas. Poderia ter ficado rico, mas doou tudo o que ganhou em direitos autorais para instituições de auxílio ao próximo. Viveu, até o seu último dia, com o salário de sua aposentadoria, sem usufruir materialmente dos ganhos obtidos com suas obras.

Seu falecimento se deu no mesmo dia em que o Brasil festejava a conquista mundial no futebol em 2002, o que lhe permitiu voltar ao mundo espiritual sem muito alarde, colocando em prática até o último momento a humildade, maior característica desse Espírito iluminado, que exemplificou em todos os momentos de sua vida os ensinamentos de Jesus, em especial aquele que dizia: “Quem deseja ser o maior, que seja o servidor e o menor de todos”.

CAPÍTULO 2
INFÂNCIA E JUVENTUDE

O maior médium psicógrafo do mundo nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Batizado como Francisco de Paula Cândido, por um erro de seu pai, que em vez de ir ao cartório registrar a criança, solicitou a um amigo que o fizesse. O amigo, na ocasião, se confundiu com o santo do dia 2 de abril, que é São Francisco de Paula, e acabou trocando o nome do garoto. A confusão só foi percebida muitos anos depois, quando Chico foi ingressar no serviço público como inspetor agrícola e precisou providenciar seus documentos. Ao chegar ao cartório, ficou sabendo que não existia nenhum Francisco Cândido Xavier e que o filho do senhor João Cândido Xavier foi registrado, na data, com outro nome. Somente em 1965 seu nome foi modificado.

Filho de família humilde e numerosa, as provações de sua vida começaram aos cinco anos, quando ficou órfão da mãe, D. Maria João de Deus, que faleceu deixando nove filhos: Maria Cândida, Luíza, Carmozina, José Cândido, Maria de Lurdes, Francisco Cândido, Raymundo, Maria da Conceição e Geralda. Cada uma das crianças foi entregue a um parente. Chico, por sua vez, foi obrigado a viver com a madrinha Rita, que lhe dava surras todos os dias.

Sua primeira experiência mediúnica completa foi uma conversa com o Espírito de sua mãe, após a sua morte, que o aconselhara a ter muita paciência para suportar as provações que viriam.

Passando por grandes conflitos e muita dificuldade, o menino cresceu, tendo os Espíritos como companheiros quase diariamente.

Com quatro anos de idade, ele já tivera uma pequena experiência mediúnica enquanto assistia a uma conversa entre sua mãe e seu pai a respeito de um nascimento prematuro ocorrido em uma casa vizinha.

O pai, João Cândido, vendedor de bilhetes de loteria, que teve quinze filhos em dois casamentos, não conseguia entender o caso. Chico, nessa hora, interrompeu a conversa e disse: “O senhor naturalmente não está informado sobre o caso. O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de

modo que a criança adquiriu posição ectópica".

João Cândido se assustou e disse à mulher que aquele filho não parecia deles, que deveria ter sido trocado na igreja quando eles estavam na confissão. Virou-se para Chico e perguntou o que ele teria respondido. Chico disse que uma voz o tinha mandado dizer aquilo. João Cândido continuou desconfiado da maluquice do menino.

Em especial, Chico teve a companhia do Espírito de sua mãe, com o qual pôde travar várias conversas que lhe foram bastante confortadoras. "Independente de o fenômeno ter ocorrido quando eu era muito criança, considero o reencontro com minha mãe desencarnada o momento de maior emoção da minha vida", relata.

Apesar de os Espíritos entrarem sempre em contato com ele, o menino tinha muito receio de ser chamado de louco ao comentar com alguém as conversas que mantinha com almas de outro mundo.

Além de ouvir vozes, via figuras de outro mundo na igreja de Matosinhos, cidade vizinha de Pedro Leopoldo, que visitava diariamente.

Durante a missa, via Espíritos que frequentavam a igreja. Buscava então se confessar com o Padre Sebastião Scarzello, de quem recebia severas penitências para deixar de ser mentiroso.

Certa vez, Chico dirigiu-se muito feliz a sua madrinha, dizendo que havia conversado com a mãe desencarnada. Foi o suficiente para receber uma grande surra. Ao saber que o menino continuava tendo visões de coisas de outro mundo, sua madrinha resolveu conversar sobre o assunto com o padre da região. Este, por sua vez, colocou como penitência que o garoto rezasse mil Ave-Marias com uma pedra de quinze quilos em cima da cabeça durante toda a procissão.

Outro fato que marcou a infância de Chico foi quando sua madrinha soube, por meio da receita de uma benzedeira, que a única maneira de curar a ferida infeccionada de seu filho era outra criança lamber a tal ferida durante três semanas seguidas, em completo jejum. Quando ficou sabendo que teria de cumprir essa penosa tarefa, o menino se desesperou e evocou sua mãe, para que o socorresse. Acabou obrigado a cumprir a ingrata tarefa, mas durante a penitência, percebeu que o Espírito de sua mãe jogava algo sobre a ferida, o que fez o jovem curar-se rapidamente.

Após viver dois anos com a madrinha, o calvário de Chico acabou. Seu pai, João Cândido Xavier, casou-se novamente com uma moça chamada Cidália Batista, que fez questão de reunir em sua casa os nove filhos do primeiro casamento de João. Assim, o menino Chico conseguiu livrar-se dos maus-tratos que sua madrinha lhe impusera, mas continuou a ter de conviver com as dificuldades financeiras.

Ele narrou assim os contatos que teve com sua mãe e seu apego em Jesus para suportar as provações:

Ao perder minha mãe, aos cinco janeiros de idade, conforme os próprios ensinamentos dela, acreditei n'Ele, na certeza de que Ele me sustentaria. Conduzido a uma casa estranha, na qual conheceria muitas dificuldades para continuar vivendo, lembrava-me d'Ele, na convicção de que era um amigo poderoso e compassivo que me enviaria recursos de resistência, e ao ver minha mãe desencarnada pela primeira vez, com o cérebro infantil sem qualquer conhecimento dos conflitos religiosos que dividem a humanidade, pedi a ela que me abençoasse, segundo o nosso hábito em família, e lembro-me perfeitamente de que perguntei: – Mamãe, foi Jesus que mandou a senhora nos buscar? Ela sorriu e respondeu: – Foi sim, mas Jesus deseja que vocês, os meus filhos espalhados, ainda fiquem me esperando… Aceitei o que ela dizia, embora chorasse, porque a referência a Jesus me tranquilizava. Quando meu pai se casou pela segunda vez e a minha segunda mãe mandou me buscar para junto dela, notando-lhe a bondade natural, indaguei: – Foi Jesus quem enviou a senhora para nos reunir? Ela me disse: – Chico, isso não sei… Mas minha fé era tamanha que respondi: – Foi Ele sim… Minha mãe, quando me aparece, sempre fala que Ele mandaria alguém nos buscar para a nossa casa. E Jesus sempre esteve e está em minhas lembranças como um protetor poderoso e bom, não desaparecido, não longe, mas sempre perto, não indiferente aos nossos obstáculos humanos, e sim cada vez mais atuante e mais vivo.

Aos oito anos de idade, Chico começou a estudar, passando a frequentar o Grupo Escolar São José, pela manhã. À tarde, saía às ruas diariamente para vender verduras e legumes produzidos na horta de sua casa, que era cuidada por sua madrasta Cidália Batista e por seus irmãos José e Raimundo.

Dois anos depois, seu pai começou a ficar muito preocupado e cogitou interná-lo em um hospital para tratamento mental, pois ninguém entendia as visões que ele relatava. O garoto só não parou no hospital psiquiátrico porque o padre da cidade lhe arranjara um emprego na companhia de fiação e tecelagem Cachoeira Grande. O menino saía da escola e ia para o trabalho, onde permanecia das três da tarde à meia-noite.

Chico e sua família sempre tiveram recursos financeiros muito escassos. Não raro, a família passou muita necessidade, mas Chico sempre se contentou com o pouco que tinha, e mais do que isso, ainda dividia esse pouco com todos os que precisassem de ajuda. Anos depois, Chico descreveu essas dificuldades da

seguinte maneira:

Passei fome, passei frio… Em Pedro Leopoldo sempre fez muito frio, ventava muito… A nossa casa não era forrada…, às vezes, a gente não tinha o que comer, era somente uma panela no fogão. Mas ninguém em casa morreu por causa das privações que passávamos. A gente comia só arroz e chuchu. De vez em quando uma mandioca ou ovo, carne era muito difícil… Caso tivéssemos tido muita comida em casa, eu iria me empanturrar, pois sempre gostei de comer. Como seria capaz de dar comunicações de Espíritos com a minha barriga cheia, se me sobravam somente os horários do almoço para escrever? Penso que tudo o que passei na vida tinha uma razão de ser, o meio aparentemente adverso em que renasci foi-me de grande valia para cumprir minha missão.

Os fenômenos espirituais não paravam de acontecer na vida do garoto. Em 1922, aos doze anos, Chico ganhou o prêmio máximo em um concurso literário promovido entre as escolas públicas de Minas Gerais. Sua redação teve como tema central a Independência do Brasil.

Na época, Chico afirmava para os colegas de classe que o texto tinha sido ditado em sala por um homem que somente ele via. Sua professora não acreditou no que falava e, para deleite dos colegas de classe, propôs que Chico fosse à lousa para escrever um novo texto na frente de todos sob um tema que seria proposto na hora. Um colega de sala propôs o tema “grão de areia”, e ante à incredulidade da classe, Chico redigiu a seguinte frase: “Meus filhos, ninguém escarnece da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o sol de Deus”. Ficaram todos calados.

Na adolescência, por volta dos quinze anos, começaram a aparecer os primeiros males de saúde. Ele desenvolveu um problema nos pulmões por causa da poeira gerada pelo algodão da tecelagem, o que o obrigou a deixar o emprego na fábrica, e então, começou a trabalhar como auxiliar de cozinha no bar Dove, passando, após breve período, a trabalhar como atendente e auxiliar de serviços gerais no empório de José Felizardo Sobrinho, ex-marido de sua madrinha Rita.

Desde os oito anos de idade, trabalhava para ajudar no sustento da família, tendo sido operário de uma fábrica de tecidos, auxiliar de serviços gerais, servente de cozinha, caixeiro de armazém e, por último, inspetor agrícola, aposentando-se como funcionário público, por invalidez, por causa de uma doença incurável nos olhos.

CAPÍTULO 3
TESTEMUNHOS

Chico Xavier sempre suportou com resignação as provações pelas quais precisou passar. Desde criança, teve vários problemas de saúde. Até a juventude, seu corpo ainda resistia. Porém, com o passar dos anos, suas defesas foram diminuindo, e ele desenvolveu angina e labirintite crônica, agravadas por dois infartos e duas pneumonias. Teve também uma doença complexa nos olhos: o deslocamento do cristalino que, somado ao estrabismo da vista direita, o incomodavam muito.

No entanto, mesmo com as doenças, continuou dando provas de sua humildade e mostrando que não aceitaria nenhum tipo de privilégio, recusando, em 1969, uma oferta do médium Zé Arigó, que desejava operá-lo espiritualmente. Na época, Chico afirmou que a doença era uma provação que deveria suportar.

Em sua vida, Chico teve de dar muito testemunho de fé na sua capacidade e principalmente no auxílio prestado pelos Espíritos.

Uma das histórias que contava aconteceu na ocasião da morte de seu irmão José Xavier. Nesse período, ele herdou uma dívida de onze cruzeiros, por falta de pagamento de conta de luz. Sem saber como pagar a dívida, Chico questionou Emmanuel, que lhe disse para ter calma, confiar e esperar, sem se preocupar muito com isso.

Passados alguns dias, um homem bate-lhe à porta, perguntado se ele era o Chico Xavier, dizendo que ficara sabendo da morte de José e que queria entregar o pagamento por uma bainha de faca que ele havia feito tempos atrás. Quando Chico abriu o envelope, para seu espanto, havia exatamente onze cruzeiros no seu interior, dinheiro que foi usado para saldar a dívida. Chico nunca mais conversou com os Espíritos sobre a necessidade de recursos financeiros. Sempre que estava em dificuldade, simplesmente não se preocupava, acreditando que a ajuda viria, se fosse necessária, passando assim, a confiar totalmente na providência divina. Mas os testemunhos de fé não se resumiram somente a coisas mais simples. Em 1944, por exemplo, aconteceu um fato *sui generis* no

Direito brasileiro. Ele foi processado pela viúva e pelos três filhos do escritor Humberto de Campos, detentores dos direitos autorais do escritor, que tinha seu nome na capa de cinco obras psicografadas por Chico Xavier. Os familiares exigiam o pagamento de direitos autorais, uma vez que o autor continuava escrevendo do Além. No decorrer do processo movido pela família de Humberto de Campos, Chico, então com 34 anos, temeu muito com a possibilidade de ser preso. Após receber uma convocação para depor, ele entrou em pânico e rogou a Deus que o protegesse, chegando até a pedir que, se tivesse de ficar preso, que fosse em Belo Horizonte, e não no Rio de Janeiro, pois julgava que, na primeira cidade, o povo já o conhecia e ele seria mais bem tratado.

Emmanuel, vendo o desespero de Chico, asseverou: “Meu filho, você é uma planta muito fraca para suportar a força das ventanias… Tem ainda muito que lutar para um dia merecer ser preso e morrer pelo Cristo”.

Chico entendeu o recado e se acalmou um pouco no decorrer do processo.

Nessa época, Chico recebeu a visita de um senhor idoso que pediu ao médium que desse uma receita para um parente que estava muito mal de saúde. Chico anotou os dados do doente e se concentrou para redigir a receita. Nesse momento, recebeu uma intuição, inspirada por Emmanuel, pedindo para que ele tivesse muito cuidado com os pedidos de receita. Além disso, o Espírito pediu ainda que ele escrevesse um bilhete dizendo que o doente não precisava de remédios, mas de preces, pois já estava desencarnado.

O homem, ao ler aquilo, saiu correndo, apavorado. Ele e outros amigos tentavam preparar uma armadilha para Chico com a ideia de anexar a receita ao processo de Humberto de Campos e acusar Chico de exercício ilegal da Medicina.

O processo teve extensa cobertura da imprensa, que, na oportunidade, fez uma profunda análise da obra do médium, buscando identificar indícios de que não pertenciam a quem as assinara. Todas as investigações feitas por especialistas em Literatura apontaram que o estilo do texto era exatamente o mesmo de Humberto de Campos.

Nesse período, muitos foram os críticos e escritores que deram parecer sobre sua obra. Um deles foi Monteiro Lobato, que na ocasião, afirmou: “Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, então, ele pode ocupar quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras”.

Já o escritor Menotti Del Picchia se expressou sobre o caso da seguinte maneira:

Deve haver algo de divindade no fenômeno Francisco Cândido Xavier, o qual,

sozinho, vale por toda uma Literatura. E que o milagre de ressuscitar espiritualmente os mortos pela vivência psicográfica de inéditos poemas é prodígio que somente pode acontecer na faixa do sobre-humano. Um psicofisiologista veria nele um monstruoso computador de almas e estilos. O computador, porém, memoriza apenas o já feito. A fria mecânica não possui o dom criativo. Esta dimana de Deus. Francisco Cândido Xavier usa a centelha imanente em nós.

A decisão do juiz determinou que o direito autoral só fosse protegido para produções feitas pelo autor em vida. Assim, os familiares não tinham o direito de reivindicar o pagamento de direitos autorais pelos textos psicografados por Chico Xavier.

Porém, visando a evitar novos problemas, no ano seguinte, Humberto de Campos passou a adotar o pseudônimo de Irmão X nas obras que ditava ao médium.

Em maio de 1976, em Goiânia, ocorreu uma das mais impressionantes histórias de Chico Xavier. Na oportunidade, o juiz aceitou o depoimento de um morto e absolveu o acusado. José Divino Nunes estava na casa do amigo Maurício Garcês conversando e ouvindo música. Após encontrar o revólver do seu pai, Maurício o entrega a José Divino, que começa a brincar com a arma. Pouco tempo depois, José dispara o revólver por acidente, matando o amigo inseparável.

Os pais de Maurício não se conformaram com a morte do filho, e mesmo não sendo espíritas foram até Chico Xavier. Lá, exatamente em 27 de maio de 1978, receberam do médium a primeira carta psicografada pelo filho, que lhes diz para perdoarem José Divino, pois ele não teve culpa pelo ocorrido:

Nem José Divino nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de ferir alguém pela imagem no espelho. Sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo ou minha mesmo. O resultado foi aquele. Se alguém deve pedir perdão sou eu mesmo, porque não devia ter admitido brincar em vez de estudar. Estou vivo e com muita vontade de melhorar.

Os parentes, que a princípio queriam a condenação do amigo do filho, acabaram concordando com o seu desejo, expressado na carta, que foi psicografada por Chico e chegou às mãos do juiz da 6ª Vara Criminal da Comarca de Goiânia, Dr. Orimar de Bastos, que acabou por absolver o acusado,

concluindo:

Temos de dar credibilidade à mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, anexada aos autos, na qual a vítima relata o fato e isenta de culpa o acusado, discorrendo sobre as brincadeiras com o revólver e o disparo da arma. Esse relato coincide com as declarações prestadas pelo acusado José Divino, quando do seu interrogatório.

A carta foi aceita como prova legal, pois um laudo grafotécnico atestou que a assinatura do falecido era exatamente igual à que ele tinha em vida. Em seguida, o Tribunal de Justiça revogou a sentença, e o réu foi a julgamento novamente, sendo absolvido pelo júri popular, em junho de 1980, por seis votos a um.

Chico esteve às voltas com a Justiça em duas outras oportunidades. Na primeira delas, em 1982, uma carta psicografada pelo morto, o então deputado federal Heitor Alencar Furtado, foi usada pela defesa para inocentar o policial José Aparecido Branco, conhecido como Branquinho, da acusação de assassinato doloso (em que o assassino tem a intenção deliberada de matar). O juiz concluiu que o disparo fora acidental.

No ano de 1985 foi a vez do bancário Francisco João de Deus usar uma psicografia de Chico Xavier para tentar comprovar que o tiro que matou sua esposa, a ex-miss Campo Grande, Gleide Dutra de Deus, fora disparado por ele acidentalmente. O veredicto da Justiça foi pela absolvição de Francisco.

Sua extraordinária mediunidade permitia-lhe adentrar o íntimo de cada um, conhecendo claramente seus pontos positivos e negativos. Era comum, por exemplo, ele chamar uma pessoa pelo nome sem nunca tê-la visto ou recebido informações de antemão sobre ela.

Celso de Almeida Afonso, um dos principais médiuns residentes na cidade de Uberaba, narra o primeiro contato com Chico Xavier, ocorrido quando tinha apenas dezesseis anos de idade:

Eu considero esse encontro a minha porta de Damasco. (Referência à aparição de Jesus Cristo para Paulo de Tarso que simbolizou o momento de sua conversão ao Cristianismo.) A partir daquele momento, houve modificações na minha vida que me ajudaram no meu equilíbrio. O que é interessante é que eu não tinha vontade de conhecer Chico Xavier. Eu tinha muito medo do Espiritismo. Mas acabei indo lá, entrei, sem cumprimentá-lo, e fiquei de costas para ele. Então, ouvi uma senhora pedir-lhe um autógrafo. Chico respondeu: – Somente se o nosso Celso emprestar a caneta. – Ele nunca tinha me visto. Eu me

virei e lhe disse:
– O senhor está falando comigo? Nisso, ele respondeu, simples:
– Sim, meu filho, você não tem uma caneta para me emprestar?
Aquela criatura me envolveu com o magnetismo dela. Eu não gosto de endeusar as pessoas, mas Chico, para mim é uma pessoa excelente, é um caminho.

Relatos como este de conhecimento prévio de nomes e informações sobre quem o visitava, sem nunca ter visto a pessoa ou recebido dados sobre ela, são extremamente comuns na vida de Chico.

Chico Xavier não se casou, não teve filhos, não possuía bens em seu nome, nada tinha de material, a não ser seu corpo físico. Foi celibatário por vontade própria durante toda a sua vida, nunca tendo namorado. Achava que isso poderia comprometer o foco que tinha em sua missão.

Seu pai nunca aceitou isso. Certo dia, ele pediu para um amigo convidar o filho para passear. Chico aceitou, e saíram às ruas. De repente, pararam em frente a uma casa e entraram. Era um bordel.

Ao chegar lá, o amigo presenciou a cena mais estranha de sua vida. Chico foi rapidamente reconhecido pelas prostitutas, que já conheciam os trabalhos sociais promovidos por ele. Comovidas com a presença dele, elas encerraram o expediente do dia e se colocaram a rezar junto do médium. Foi a primeira sessão espírita ocorrida em um bordel.

O amigo do pai de Chico, que esperava ajudá-lo na sua iniciação sexual, ficou sem saber o que fazer diante daquela cena que presenciava.

Um dos casos mais comentados dele, e que demonstra claramente sua natureza celibatária, foi em um evento no qual ele foi apresentado à filha do embaixador da Argentina.

A moça ficou encantada com Chico e não desgrudou dele durante toda a festa. Depois disso, passou a frequentar os trabalhos no centro. Um dia, quando o médium entrou na câmara de passes, ela entrou junto e se declarou.

Chico afirmou que não se julgava algo pelo qual valeria sofrer e não tinha pretensão nenhuma de casamento, nem de envolver-se com alguém, por conta de suas obrigações espirituais. Porém, a moça disse que se apaixonou imediatamente pela voz de Chico, e ele respondeu que, na verdade, ela havia se apaixonado pela voz de Emmanuel, que falava por intermédio dele.

Algum tempo depois, Chico recebeu uma carta diretamente do embaixador da Argentina, dizendo que sua filha estava apaixonada por ele e que fazia votos de que se casassem, mesmo sabendo que ele era um homem sem recursos financeiros e de cor, mas como ele sempre fazia as vontades da filha, estava

disposto a ajudá-lo financeiramente.

Chico respondeu educadamente que não poderia aceitar a proposta, pois não tinha tempo para se dedicar aos relacionamentos, pois estava altamente comprometido com os trabalhos que a espiritualidade lhe reservara.

Em janeiro de 1933, Chico trabalhava no armazém de José Felizardo como balconista. O amigo José Álvaro, poeta e escritor, propôs-se a levá-lo para a capital mineira em busca de um melhor salário. Seu pai, João Cândido, ficou entusiasmado e incentivou o filho a aceitar a proposta.

Ele ficou em dúvida e consultou Emmanuel, que lhe disse achar inoportuna a viagem, mas aconselhou-o a não desobedecer ao pai.

Em Belo Horizonte, teve o primeiro contato com a fama gerada pelo livro *Parnaso do além-túmulo*, mas as agitações e os elogios não foram suficientes para fazê-lo perder a humildade. José Álvaro, na realidade, queria que Chico assumisse as obras como de sua autoria, e não dos Espíritos. Ele recusou, e três meses depois, regressou a Pedro Leopoldo, retomando suas atividades no armazém.

CAPÍTULO 4
FAMA E NOTORIEDADE

Dois anos mais tarde, Chico foi tema de uma reportagem publicada no jornal O Globo, o que o tornou conhecido em todo o Brasil. A partir daí, milhares de pessoas passaram a visitá-lo em Pedro Leopoldo para conferir as suas habilidades mediúnicas. Chico começou a ficar preocupado com o fato de que o seu trabalho sério pudesse se transformar em espetáculo, pois, naquela época, ele psicografava textos em vários idiomas, como inglês, alemão e até sânscrito. Tal fenômeno era o que mais impressionava leigos e estudiosos. Depois de um período realizando esse trabalho, Chico aceitou o conselho do seu guia Emmanuel, que sugeriu o fim daquele tipo de reunião, pois achava que a maioria das pessoas que o procuravam estava envolvida por uma simples curiosidade totalmente improdutiva. Emmanuel sabia o que estava falando. Após encerrar esse trabalho, iniciou seu período mais produtivo em termos de mensagens esclarecedoras.

No início da década de 1970, sua notoriedade aumentou ainda mais no país, quando participou do programa *Pinga-fogo*, transmitido pela extinta TV Tupi, uma espécie de roda-viva em que jornalistas e espectadores faziam perguntas ao entrevistado. Esse programa estreou no ano de 1955 e ficou no ar até o início dos anos 1980, constituindo um dos marcos da história televisiva do país.

Em 28 de julho de 1971, mais de 75% dos televisores paulistas estavam ligados no programa para assistir a Chico Xavier, sabatinado ao vivo por conceituados jornalistas sobre os mais diversos temas. O programa, com previsão inicial de sessenta minutos, acabou se estendendo por mais de três horas. A pedido de espectadores, ele foi repetido três vezes nas semanas seguintes. No dia 12 de dezembro, Chico foi novamente entrevistado.

A partir dali, Chico conquistaria de vez o coração dos brasileiros, aumentando ainda mais a sua fama e influenciando milhares de pessoas a tornarem-se espíritas.

Em 1978, por exemplo, o médium interpretou a si próprio na novela *O profeta*, escrita por Ivany Ribeiro, na extinta TV Tupi.

Ele também era muito visitado por artistas, o que fez sua popularidade aumentar ainda mais. Os cantores Fábio Júnior e Roberto Carlos, as cantoras Vanusa e Wanderléa, o estilista Clodovil Hernandez, Risoleta Neves, viúva do ex-presidente Tancredo Neves, o então candidato à presidência Fernando Collor de Melo, os atores Lima Duarte e Tony Ramos, a apresentadora Xuxa, entre outras dezenas de artistas foram até Uberaba em busca de conselhos do médium.

Roberto Carlos, em entrevista à revista *Intervalo*, em 1971, chegou inclusive a declarar que conhecer Chico Xavier foi a realização de um sonho de infância.

Chico também foi recordista em autógrafos. Nos dias 3 e 4 de agosto de 1973, no Clube Atlético Ipiranga, em São Paulo, ele autografou 2243 livros nas 18 horas em que se submeteu à maratona. Já em 18 de abril de 1977, no Grupo Espírita Irmã Angelina, na cidade de Santos, SP, autografou a impressionante marca de 2789 livros.

Toda vez que ele aparecia na mídia, imediatamente aumentava o número de caravanas que se dirigia a Uberaba para procurá-lo. Mesmo com boa vontade, era impossível para Chico atender todos os que o procuravam, o que gerava frustração naqueles que não podiam ser atendidos.

Resultado do reconhecimento do seu trabalho, em 1999, o então governador de Minas Gerais, Itamar Franco, sancionou a Lei 13.394, criando a *Comenda da Paz Chico Xavier*.

No dia 23 de maio de 1980, a Rede Globo apresentou o programa *Um homem chamado Amor*, dirigido por Augusto Cezar Vanucci, para divulgar a campanha promovida para a indicação de Francisco Cândido Xavier ao prêmio Nobel da Paz.

O programa contou com a participação de "globais" como Lima Duarte, Roberto Carlos, Eva Vilma, Elis Regina, Nair Belo, Toni Ramos, Glória Menezes, entre outros.

Ele acabou não ganhando, e o prêmio foi para o escritório do alto comisssariado da ONU para os refugiados, responsável pela assistência a milhões de refugiados em todo o mundo. Porém, a campanha feita para sua indicação fez com que ele se tornasse uma das pessoas mais conhecidas e admiradas do país. Após saber o resultado, Chico declarou:

Nós estamos muito felizes sabendo que um prêmio dessa ordem coube a uma instituição que já atendeu a mais de 18 milhões de refugiados.

A organização detentora do prêmio é mais do que merecedora dessa homenagem do mundo inteiro por meio do Prêmio Nobel. Nós todos deveríamos

instituir recursos para uma organização como essa, em que mais de 18 milhões de criaturas encontram apoio, refúgio, amparo e bênção. Nós estamos muito contentes, e, sem nenhuma ideia de falsa modéstia, nos regozijamos com os resultados da Comissão, que foi tão feliz nessa escolha.

Uma pesquisa realizada pelo jornal *Gazeta Mercantil* mostra a dimensão da popularidade de Chico Xavier. O jornal quis saber quais eram os religiosos mais influentes do país. O resultado colocou o médium em quarto lugar, em uma lista em que os primeiros colocados eram cardeais e arcebispos católicos e em um momento do país em que toda a força religiosa estava concentrada nas mãos do Catolicismo.

OS CINCO RELIGIOSOS MAIS INFLUENTES

RELIGIOSOS	PORCENTAGEM
1º Dom Paulo Evaristo Arns	13,06%
2º Dom Helder Câmara	11,49%
3º Dom Aloísio Lorscheider	11,39%
4º Francisco Cândido Xavier	9,52%
5º Dom Eugênio Sales	9,17%

Outro momento de destaque foi quando Chico Xavier foi eleito o Mineiro do Século no concurso realizado pela Rede Globo, ficando à frente de personalidades como Santos Dumont, Pelé, Betinho, Carlos Drummond de Andrade, Ary Barroso e Juscelino Kubitschek.

A pesquisa foi realizada pela Rede Globo Minas e apresentada em novembro de 2000.

Em 2006, foi a vez da revista *Época*, em sua edição 434, de 11 de setembro, apontar Chico Xavier como “O Maior Brasileiro da História”, em pesquisa feita pela Internet.

Os oito primeiros colocados na votação dos leitores da *Época* foram:

Personalidade	**Votos**
1º Chico Xavier	9.966
2º Ayrton Senna	5.637
3º Pelé	4.320
4º Garrincha	924
5º Santos Dumont	854
6º Juscelino Kubitschek	830
7º Lula	540
8º Getúlio Vargas	519

CAPÍTULO 5
A OBRA

Chico Xavier foi um exemplo de trabalhador feliz. Ele iniciou sua vida mediúnica no dia 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo. Maria Xavier, sua irmã, havia adoecido há alguns dias, e os médicos não conseguiam resultado positivo no tratamento dela. Então, a família decidiu levá-la à Fazenda Maquiné, local em que o amigo José Ermínio Perácio e a médium Carmem Perácio, sua esposa, faziam reuniões espíritas. A moça foi curada, e Chico tomou o primeiro contato com o Espiritismo.

Foi lá que, com apenas dezessete anos de idade, recebeu as primeiras páginas mediúnicas. Naquela noite, os Espíritos deram início ao trabalho em conjunto com Chico. Nessa ocasião, dezessete folhas de papel foram preenchidas com comunicações dos Espíritos com temática cristã. O médium relata da seguinte maneira esse primeiro contato:

[…] Era uma noite quase gelada, e os companheiros que se acomodavam à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, sentime fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração.
As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez, e fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembleia de entidades amigas me fitava com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer.

Rapidamente, o trabalho de Chico começou a ficar conhecido na região.

Durante quatro anos, escreveu centenas de mensagens. Esse período foi definido por Emmanuel, o mentor espiritual de Chico, como de necessária experimentação. Em 1931, Emmanuel pediu para ele jogar fora as mensagens que tinha escrito nesse período, pois tinham somente a finalidade de ajudá-lo no treinamento.

Maria de Lourdes de Benício, amiga de Chico em Pedro Leopoldo, define da seguinte maneira o período:

Chico Xavier trouxe, durante sua existência, milhares de comunicações de Espíritos já falecidos, com mensagens para seus parentes ainda vivos. Semanalmente, centenas de pessoas procuravam o médium, buscando receber comunicações de entes queridos falecidos.

Algumas vezes, essas comunicações eram possíveis; em outras oportunidades, não. Chico sempre fazia questão de dizer que "o telefone toca de lá para cá". Ou seja, os Espíritos é que dizem quando desejam se comunicar conosco, e não o contrário. Em diversas oportunidades, pessoas que não recebiam mensagens acabavam se revoltando contra ele, que, com paciência, explicava que ainda não havia sido permitida a comunicação, e que, em algum momento, o Espírito poderia entrar em contato.

Um dos exemplos das comunicações de Chico Xavier ocorreu em agosto de 1951, em que recebeu, em Pedro Leopoldo, a ilustre visita de Pietro Ubaldi (1886-1972), escritor, filósofo e místico, nascido em Foligno, pequena cidade italiana, perto de Assis, e autor do livro *A grande síntese* (1931), com milhões de leitores em todo o mundo. Em transe, Chico diz que o está vendo diante do túmulo de Francisco de Assis. O professor confirma, perplexo, que realmente havia visitado o túmulo do santo antes de viajar para o Brasil.

Na sequência, diz que ali está uma entidade chamada Lavínia, que se diz mãe de Ubaldi e que o chama carinhosamente de *mio garofanino*, que em português significa "meu pequeno cravo". O professor confirma que era aquele o apelido pelo qual ela o chamava.

Porém, nesse encontro haveria um susto muito maior. Chico relatou que ali estava um Espírito chamado Maria e que se dizia irmã de Ubaldi. Este disse que realmente tinha uma irmã com esse nome, mas que ela ainda estava viva, na Itália. Todos ali pensaram o pior. Porém, a entidade disse que ela havia morrido quando Pietro Ubaldi ainda era uma criança. Ele já não se lembrava desse fato e se emocionou muito ao ouvir isso.

O médium nunca se opôs às pesquisas dos fenômenos que ocorriam com ele.

Mesmo assim, são poucos os relatos de experiências feitas com a mediunidade de Chico Xavier.

Marcel Souto Maior, em *As vidas de Chico Xavier*, relata que ele teria sido convidado, em 1939, por russos, para viajar, a fim de ter sua mente estudada, e que Emmanuel teria dito que não iria junto, o que fez Chico declinar do convite.

Carlos Baccelli, biógrafo de Chico, que desfrutou de sua amizade durante muitos anos e teve oportunidade de acompanhar *in loco* a vida dele, afirma que a NASA teria pesquisado a aura de Chico e que esta teria medido dez metros, enquanto a de uma pessoa normal não passa de alguns centímetros.

Uma das pesquisas divulgadas sobre Chico Xavier mostra um encefalograma do médium no momento exato em que entra em transe.

Pelos conhecimentos atuais da Neurociência, ele teria diagnosticado o quadro de epilético. Porém, ele jamais apresentou sintomas de epilepsia.

Com uma vida atribulada, Chico não teve a oportunidade de avançar nos estudos, não passando do curso primário. Isso certamente atesta a impossibilidade de ele ter escrito tantas mensagens – com informações das mais diferentes áreas do conhecimento humano, muitas delas transformadas em livros com traduções para o castelhano, o esperanto, o francês, o grego, o inglês, o japonês, o tcheco e transcrições para o braile – sem a ajuda de algo sobrenatural.

Por isso, é considerado o maior fenômeno mediúnico do século XX e é o médium espírita mais conhecido, com 451 obras editadas, somando-se aproximadamente 1880 edições, com mais de 30 milhões de exemplares vendidos em vários idiomas e livros publicados em mais de 45 países.

Em 1932, Chico publicou seu primeiro livro, intitulado *Parnaso de além-túmulo*, uma coletânea de 256 poemas assinada pelos Espíritos de grandes nomes da Literatura, como João de Deus, Antero de Quental, Olavo Bilac, Castro Alves, Guerra Junqueira, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos, entre outros.

Nessa época, Humberto de Campos, então jornalista, fez a seguinte análise do livro no Diário Carioca, edição de 10 de julho de 1932, sem saber que, poucos anos depois, ele desencarnaria, e então, também incluiria seu texto na introdução da segunda edição desse mesmo livro:

Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pelas penas do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em

Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueira, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos – sente-se, ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para cantar neste instante, a inclinação do Sr. Francisco Cândido Xavier para escrever a la maniére de… ou para traduzir o que aqueles altos Espíritos sopraram ao seu ouvido.

Desde a publicação de *Parnaso de além-túmulo*, Chico não parou mais de escrever, tendo como destaque em sua obra os romances históricos ditados pelo Espírito Emmanuel, entre eles *Há 2000 anos*; *50 anos depois*; *Ave, Cristo!*; *Paulo e Estevão*, e os livros da série *André Luiz*, que trazem informações detalhadas sobre como seria a vida no outro lado.

A série *André Luiz* teve início com a psicografia de *Nosso Lar*, redigido em 1943, e que rapidamente se tornou o grande *best-seller* de Chico Xavier, com mais de 1,5 milhões de cópias vendidas.

Psicografava sozinho, com exceção de um breve período em que trabalhou com Waldo Vieira. Em 1955, ele conheceu esse rapaz de 23 anos, que recebia mensagens de André Luiz, o mesmo que Chico.

Ele viu em Waldo alguém que o ajudaria na sua missão de escrever os livros e logo propôs que começassem a trabalhar juntos. O primeiro livro da dupla é *Evolução em dois mundos*. Chico escrevia os capítulos pares, e Waldo, os ímpares.

Quatro anos depois, decidiu mudar-se para Uberaba, cidade localizada na região do Triângulo Mineiro, que possui uma área de 4512 km2 e uma população de aproximadamente 280 mil habitantes, segundo dados do último censo do IBGE.

Já em Uberaba, ele fundou a Comunhão Espírita Cristã, localizada à Rua Eurípedes Barsanulfo, 215, na Vila Silva Campos, e passa a morar com Waldo Vieira. No ano seguinte, eles publicam o livro *Mecanismos da mediunidade*.

Anos depois, em 1965, em sua primeira missão internacional, viajou para os Estados Unidos com Waldo Vieira a fim de auxiliar os espíritas brasileiros lá residentes. Essa visita foi programada e orientada por Emmanuel e André Luiz, resultando na criação da fundação *Christian Spirit Center*, que tinha por objetivo difundir a doutrina espírita nos Estados Unidos.

Chico também partiu com destino à Europa, onde encontrou o estudo do Espiritismo e a prática mediúnica desenvolvidos principalmente na Inglaterra. Sua fama ultrapassou as fronteira do país, transformando-o no médium mais famoso do mundo.

Porém, Waldo não voltou da viagem. Foi para o Japão fazer pós-graduação em Medicina. Meses depois, voltou para arrumar suas malas e partir para o Rio, onde abriria um consultório. Waldo deixou o Espiritismo e fundou uma seita (ou ciência) batizada de Projectologia.

A parceria dos dois resultou em dezessete livros psicografados no período de 1958 a 1965.

Chico voltaria a psicografar sozinho, dando prosseguimento à obra e trazendo comunicações de diversos Espíritos.

Além de sua extensa obra, publicada pelo Centro Espírita União, Casa Editora, O Clarim, Edicel, Federação Espírita Brasileira, Federação Espírita do Estado de São Paulo, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Fundação Marieta Gaio, Grupo Espírita Emmanuel Editora, Comunhão Espírita Cristã, Instituto de Difusão Espírita, Instituto de Divulgação Espírita André Luiz, Livraria Allan Kardec Editora, Editora Pensamento e União Espírita Mineira, também se originaram muitos livros falando a respeito de Chico Xavier, por exemplo: *Chico Xavier, mediunidade e vida*, de Carlos Baccelli; *Pinga-fogo: entrevistas*, obra publicada pelo Instituto de Difusão Espírita; *Trinta anos com Chico Xavier*, de Clóvis Tavares; *No mundo de Chico Xavier*, de Elias Barbosa; *Lindos casos de Chico Xavier*, de Ramiro Gama; *40 anos no mundo da mediunidade*, de Roque Jacinto; *A psicografia ante os tribunais*, de Miguel Timponi; *Amor e sabedoria de Emmanuel*, de Clóvis Tavares; *Presença de Chico Xavier*, de Elias Barbosa; *Chico Xavier pede licença*, de Irmão Saulo; *Nosso amigo Xavier*, de Luciano Napoleão; *Chico Xavier: o santo dos nossos dias* e *O prisioneiro de Cristo*, de R.A. Ranieri; *Chico Xavier – mandato de amor*, da UEM; *As vidas de Chico Xavier*, de Marcel Souto Maior e *O homem que falava com espíritos*, de Luis Eduardo de Souza.

As psicografias de Chico foram objeto de estudo por parte de especialistas, em diversas oportunidades, para comprovar sua autenticidade. Um estudo feito pela Associação Médico-Espírita de São Paulo, em torno das comunicações de Chico Xavier, apresentou os seguintes resultados ao passar as assinaturas dos “mortos” por um exame grafotécnico:

- 52,5% das assinaturas eram idênticas;
- 22,5% eram semelhantes;
- 25% eram diferentes.

Em 95% dos casos, Chico Xavier não conhecia previamente o Espírito comunicante. Outro dado interessante é que a família reconheceu o estilo do Espírito enquanto encarnado em 100% dos casos.

Apesar de seu dom mediúnico mais conhecido ser a psicografia, ele também exercitou constantemente outras formas de mediunidade, como psicofonia, vidência, audiência, entre outras. Também realizava muitos fenômenos de efeitos físicos. Certa vez, perfumou a água que os assistentes traziam; outra vez, o ar. Contam algumas testemunhas que Chico, certa ocasião, foi rezar ao lado da cama de uma mulher muito doente e sem esperanças de vida. Enquanto o médium rezava, pétalas de rosas começaram a cair do teto sobre a doente. A mulher veio a falecer sem sofrimento, durante aquela madrugada. Algum tempo depois desse acontecimento, Emmanuel intercedeu junto a ele recomendando a suspensão dos trabalhos de efeitos físicos.

À medida que sua fama se propagava, surgiam histórias sobre poderes especiais que ele teria. Em diversas ocasiões, Chico foi obrigado a vir a público para desmentir histórias de que ele teria o poder de prever o futuro, fazer paralíticos andar, entre outras coisas.

CAPÍTULO 6
EMMANUEL E CHICO

Emmanuel e Chico fizeram um trabalho em que um se confundia com o outro, tal o grau de afinidade entre Chico e o seu guia espiritual. Em 1927, quatro anos antes de encontrar o médium, Emmanuel já havia mantido contato com a médium Carmem Perácio, em uma reunião espírita realizada na Fazenda Maquine, local em que Chico tomou contato com o Espiritismo. Nesse contato, Emmanuel identificou-se à Carmem como amigo espiritual de Chico, relatando que esperava apenas o momento certo para iniciar a grande tarefa dos livros psicografados.

Conhecido como um Espírito de alta luminosidade, Emmanuel teria feito parte da chamada *Falange do Espírito da Verdade*, grupo de Espíritos que teria revelado a Kardec a doutrina espírita.

Seus livros dão um panorama do nascimento do Cristianismo, em especial *Paulo e Estevão*; *Ave, Cristo!* e *Renúncia*, estes baseados em episódios históricos reais. Já trabalhos como *Caminho, verdade e vida*, *Pão nosso*, *Vinha de luz* e *Fonte viva* são considerados obras que possuem uma interpretação superior dos ensinamentos de Jesus.

Outras obras de destaque desse famoso Espírito são *A caminho da luz*, um relato da história da civilização de acordo com os ensinamentos do Espiritismo, e *Emmanuel*, livro composto de dissertações sobre ciência, religião e filosofia.

Logo nos primeiros contatos, Chico questionou Emmanuel sobre sua identidade em vidas anteriores, mas o Espírito só revelou seu passado nos livros *Há 2000 anos* e *50 anos depois*.

Suas histórias terminaram por fascinar milhares de leitores e apresentaram-no como tendo encarnado diversas vezes na Terra na figura de personalidades bastante conhecidas, entre elas um senador romano chamado Públio Lêntulus Sura. Foi bisavô de Públio Lêntulus Cornélius, político romano, nascido no período terminal da República e contemporâneo de figuras históricas como Júlio César, Cícero e Catão.

Em 1931, Emmanuel travou um diálogo com Chico, passando-lhe orientações

básicas para o trabalho que deveria desempenhar e reforçando que, fora de qualquer uma delas, ele falharia em sua missão.

Segue a descrição da primeira conversa travada e narrada posteriormente por Chico Xavier:

– Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus?
– Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem… – respondeu o médium.
– Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel – mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.
– E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? – tornou Chico.
– Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o serviço…
Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou:
– Qual é o primeiro?
A resposta veio firme:
– Disciplina.
– E o segundo?
– Disciplina.
– E o terceiro?
– Disciplina.

A segunda orientação de Emmanuel para o médium foi descrita por ele da seguinte maneira:

Lembro-me de que, em um dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec, e disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.

Chico narra ainda que, após essas palavras, Emmanuel lhe disse que eles teriam uma tarefa para realizar e que esta consistia inicialmente na redação, por meio da psicografia, de trinta livros. Naquele momento, ele se surpreendeu e, de pronto, afirmou a Emmanuel que a publicação de trinta livros demandaria muito dinheiro, e a sua situação financeira era muito precária. Emmanuel disse-lhe que

a publicação dos livros seria feita por caminhos que Chico não poderia imaginar.

A profecia se cumpriu. Ao enviar sua primeira obra, intitulada *Parnaso de além-túmulo*, para um dos diretores da Federação Espírita Brasileira, ele teve seu livro aprovado para publicação.

Em 1947, já havia concluído a série de trinta livros e questionou Emmanuel se o trabalho já estava cumprido. O Espírito respondeu que eles iniciariam uma nova série de trinta livros.

Em 1958, ele finalizou a nova série e questionou novamente se a tarefa já estava cumprida. Emmanuel respondeu-lhe que os mentores espirituais haviam determinado que eles deveriam cumprir a missão de trazer cem livros por meio da psicografia de Chico.

Quando cumpriu a tarefa, achou que já havia finalizado, e ao questionar o mentor sobre isso, recebeu a seguinte resposta:

Os mentores da Vida Superior expediram uma instrução que determina que a sua atual reencarnação será desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espírita-cristãos, permanecendo a sua existência, do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades.

Chico entendeu que psicografaria livros em prol da divulgação da mensagem espírita-cristã durante toda a sua existência, tendo chegado aos 92 anos de idade com 451 livros publicados. Conseguiu conciliar seu trabalho no campo da mediunidade com as atividades que desenvolveu como operário de uma fábrica de tecidos, servente de fiação, servente de cozinha, caixeiro de armazém e inspetor agrícola.

CAPÍTULO 7
NOSSO LAR, SUA MAIOR OBRA MEDIÚNICA

Uma cidade espiritual com mais de 1 milhão de habitantes. Entre seus moradores, Espíritos que caíram em sua última missão na Terra, mas que agora retomam o caminho correto visando a se preparar para nova vida no planeta.

Avenidas largas, prédios grandes, rios, bosques, árvores. Tudo parece uma cópia melhorada do que vemos aqui na Terra.

André Luiz, nome fictício do Espírito que quis permanecer no anonimato, foi levado para lá após morrer e passar oito anos vagando pelo Umbral, um local de cenário de filme de horror, onde padecia os mais altos sofrimentos.

Saiu de lá quando o sofrimento fez com que se despojasse do seu orgulho, assim pôde ser socorrido por um grupo de abnegados trabalhadores que, rotineiramente, visitavam esse verdadeiro vale das sombras visando a socorrer todos os que já tivessem condições de serem abrigados na colônia espiritual, Nosso Lar, sem perturbar o ambiente de tranquilidade que lá existe.

Ficou em Nosso Lar sob a tutela do Ministro Clarêncio, um dos 72 auxiliares diretos do Governador. Este atendeu diretamente ao pedido da mãe de André, que havia desencarnado há alguns anos e já estava em uma condição de evolução mais elevada, habitando um local superior a Nosso Lar.

Após ser tratado, André foi convidado por Lísias a morar em sua casa. Lá conheceu Dona Laura, a mãe de Lísias, as irmãs Judite e Iolanda, e Eloisa, neta de Dona Laura.

Teve a oportunidade de conhecer o valor do trabalho, por meio da atuação em grupos de auxílio a desencarnados. Aprendeu que fora da caridade não há salvação.

Depois de um ano de trabalho na colônia espiritual, teve a concessão para visitar sua esposa e seus filhos que deixara na Terra, nove anos antes. Padecia certo sofrimento há tempos, por julgar que sua família ficara desamparada desde seu desencarne e por não haver tido permissão anterior para visitá-los.

Ao chegar a sua antiga casa, deparou-se com sua mulher Zélia já casada com

outro homem, chamado Ernesto. Ficou atordoado ao ver que outro tinha ocupado o seu lugar.

Porém, o que havia aprendido em Nosso Lar voltou a sua mente, e pôs-se a ajudar o homem, que estava enfermo. Para isso, rogou pela ajuda de sua companheira de trabalho, Narcisa, que pôde ministrar a Ernesto uma combinação de fluidos extraídos da natureza e que propiciaram a sua recuperação.

Ao retornar ao Nosso Lar, André recebeu o título de cidadão da colônia espiritual, pois havia sido aprovado no primeiro grande teste, tendo deixado de lado todo o orgulho ferido de ver outro homem casado com a mulher que deixara na Terra e se prontificado a ajudá-lo, colocando em prática o ensinamento deixado por Jesus que dizia “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Essa aventura de André no outro lado da vida é contada em detalhes em *Nosso Lar*, que tem ainda como pano de fundo o intercâmbio entre encarnados e desencarnados durante a Segunda Guerra Mundial e os esforços que Nosso Lar teve de fazer para se proteger durante esse período.

Por meio de sua leitura, é possível visualizar detalhes sobre a vida após a morte, tirando o véu de Ísis sobre este tema, que intriga todos e, assim, fazendo que, após o conhecimento do que nos espera após o desencarne, cada um possa viver melhor essa existência.

A colônia espiritual Nosso Lar foi fundada no século XVI por portugueses que haviam desencarnado no Brasil e situa-se, no mundo espiritual, sobre a cidade do Rio de Janeiro. O comando da colônia cabe ao governador espiritual, que é auxiliado diretamente por 72 colaboradores, que pertencem a cada um dos ministérios de Nosso Lar. No momento da redação de *Nosso Lar*, o governador comemorava 114 anos à frente da colônia espiritual de transição e foi descrito pelo autor espiritual como um Espírito de imenso valor e um trabalhador incansável, o único a não tirar férias de suas atribuições, trabalhando todos aqueles anos em prol de Nosso Lar. Em seu primeiro contato com ele, André descreve-o da seguinte maneira:

Nunca esquecerei o vulto nobre e imponente daquele ancião de cabelos de neve, que parecia estampar na fisionomia, ao mesmo tempo, a sabedoria do velho e a energia do moço; a ternura do santo e a serenidade do administrador conscienciosо e justo. Alto, magro, envergando uma túnica muito alva, olhos penetrantes e maravilhosamente lúcidos, apoiava-se num bordão, embora caminhasse com aprumo juvenil.

A colônia é estruturada em seis ministérios: o da Regeneração, o do Auxílio, o da Comunicação, o do Esclarecimento, o da Elevação e o da União Divina. Cada um deles é administrado por doze ministros, totalizando os 72 colaboradores do governador, somados a 3 mil funcionários que o auxiliam.

Cada ministério tem sua própria atribuição; os quatro primeiros são mais próximos das esferas terrestres, enquanto o da Elevação e o da União Divina, como os próprios nomes podem sugerir, ligam os habitantes da colônia aos planos superiores.

No livro *Cidade no Além*, psicografia de Chico Xavier e da médium Heigorina Cunha, que fez os desenhos da cidade, e ditado pelos espíritos Lúcius e André Luiz, vemos mapas do que seria a colônia espiritual. Pela descrição apresentada, Nosso Lar tem a forma de uma estrela de seis pontas. No centro, fica a governadoria, e cada ponta da estrela é ocupada por um dos ministérios da colônia.

Em suas primeiras reminiscências, André Luiz fala que ficou impressionado com as vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas.

Também chamou sua atenção o ar puro e, principalmente, não haver qualquer sinal de inércia: todos tinham alguma função e trabalhavam. As vias públicas, repletas de pessoas, possuíam edifícios e casas residenciais. Ele também descreveu, em *Nosso Lar*, um grande rio chamado de Rio Azul, além do Bosque das Águas, do Campo de Música, dos parques, das fontes luminosas e de uma enorme praça central.

Outro relato muito interessante é quando ele chega à casa de Lísias, local em que vai morar. Ele descreve a casa como uma graciosa construção, cercada de um colorido jardim. O ambiente interno era simples e acolhedor. Já os móveis eram quase idênticos aos terrestres. Havia também quadros, um piano e uma harpa, entre outras coisas. Chamou a atenção de André a existência de uma casa de banho, o que nos permite ver que Espíritos faziam sua higiene íntima lá, algo curioso, em se tratando da primeira noção clássica que tínhamos de Espíritos.

Toda a colônia espiritual Nosso Lar é cercada por uma grande muralha com baterias de proteção magnética, que a protegem de invasões de Espíritos inferiores que podem tentar prejudicar a harmonia do local.

André Luiz descreve que, na época, havia 1 milhão de habitantes na colônia espiritual, e que essa população era formada por homens, mulheres, jovens e adultos, já desencarnados. Quando ele questiona o irmão Lísias sobre se todas as colônias seriam iguais a Nosso Lar, recebe o seguinte esclarecimento:

Não. Se nas esferas materiais cada região e cada estabelecimento revela traços

peculiares, imagine a multiplicidade de condições em nossos planos. Aqui, tal como na Terra, as criaturas se identificam pelas fontes comuns de origem e pela grandeza do fim que devem atingir. Quando os recém-chegados das zonas inferiores do Umbral se revelam aptos a receber cooperação fraterna, demoram no Ministério do Auxílio; quan-do, porém, se mostram refratários, são encaminhados ao Ministério da Regeneração. Se revelam proveito, com o correr do tempo, são admitidos aos trabalhos de auxílio, comunicação e esclarecimento, a fim de se que preparem, com eficiência, para futuras tarefas planetárias. Somente alguns conseguem atividade prolongada no Ministério da Elevação, e raríssimos, em cada dez anos, os que alcançam intimidade nos trabalhos da União Divina.

Nosso Lar seria somente mais uma das inúmeras colônias que recebem os Espíritos enquanto estão desencarnados. Porém, ao conhecê-la, é possível ter uma clara noção de como seriam as demais, respeitando somente algumas diferenças e o grau de elevação dos Espíritos que lá se encontram, o que interfere em detalhes de sua constituição.

Segundo a Ministra Veneranda, Nosso Lar, como cidade espiritual de transição, é uma bênção concedida por acréscimo de misericórdia, para que alguns poucos se preparem para a ascensão, e para que a maioria volte à Terra em serviços redentores.

CAPÍTULO 8
ANDRÉ LUIZ, AUTOR ESPIRITUAL

O autor espiritual de *Nosso Lar* foi o primeiro Espírito a se comunicar por intermédio de Chico Xavier sem revelar seu nome real, optando por assinar com o mesmo nome de um dos irmãos do médium. Muitos espíritas acreditam até hoje que ele teria sido o famoso médico sanitarista Carlos Chagas, morto em 1934, fato não confirmado pelo Espírito.

No prefácio de *Nosso Lar*, Emmanuel, o guia espiritual de Chico Xavier, descreveu da seguinte maneira o anonimato de André Luiz.

André precisou, igualmente, cerrar a cortina sobre si mesmo. É por isso que não podemos apresentar o médico terrestre e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade. Por trazer valiosas impressões aos companheiros do mundo, necessitou despojar-se de todas as convenções, inclusive da do próprio nome, para não ferir corações amados, envolvidos ainda nos velhos mantos da ilusão. Os que colhem as espigas maduras não devem ofender os que plantam a distância, nem perturbar a lavoura verde, ainda em flor.

Quando questionado sobre o assunto, Chico Xavier não confirmou e nem desmentiu a informação de que André Luiz seria a reencarnação de Carlos Chagas. Porém, disse que não adiantaria pesquisar sobre o assunto, pois os dados sobre André Luiz narrados em *Nosso Lar* estavam truncados, visando dificultar sua identificação.

Em suas obras, o Espírito dizia-se médico em encarnação anterior e relatava como chegou ao plano espiritual, após sua morte, trazendo detalhes da vida espiritual e mostrando, pela primeira vez, o funcionamento de uma colônia espiritual e a situação de diferentes tipos de Espíritos após o falecimento.

Seu primeiro livro, intitulado *Nosso Lar* e publicado em 1944, é considerado um dos melhores livros espíritas de todos os tempos, trazendo detalhes da vida na colônia espiritual Nosso Lar e contando como ele foi socorrido após passar oito anos vagando por uma região da crosta terrestre batizada de Umbral.

André Luiz relata em *Nosso Lar* que, em vida, foi casado com Dona Zélia, com quem teve três filhos, duas mulheres e um homem. Segundo seus relatos, ele teria exercido a Medicina por aproximadamente quinze anos. Nesse período, consultou gratuitamente 6 mil pacientes, e destes, quinze jamais o esqueceram e vibraram positivamente por ele no outro lado.

Porém, os atos de bondade pararam por aí. Durante a vida, não buscou valores superiores, tendo desencarnado em virtude de uma oclusão intestinal derivada de elementos cancerígenos agravados pelo quadro de sífilis.

Sua obra *Nosso Lar* é o maior *best-seller* de Chico Xavier, com mais de 1,5 milhões de cópias vendidas, e foi inspirador da novela *A viagem*, escrita por Ivani Ribeiro e apresentada originalmente pela extinta TV Tupi em 1975, tendo um remake em 1994, apresentado pela Rede Globo.

Em 2010, *Nosso Lar* foi adaptado e transformado em filme por meio de uma superprodução, contando no elenco com atores como Renato Prieto, Othon Bastos, Ana Rosa, Paulo Goulart, entre outros.

Os livros iniciais de André Luiz, que trazem detalhes da vida no Além e dos Espíritos, passaram a ser conhecidos como a coleção *A vida no mundo espiritual*, composta por treze obras:

- Nosso Lar;
- Os mensageiros;
- Missionários da luz;
- Obreiros da vida eterna;
- No mundo maior;
- Libertação;
- Entre a terra e o céu;
- Nos domínios da mediunidade;
- Ação e reação;
- Evolução em dois mundos;
- Mecanismos da mediunidade;
- Sexo e destino;
- E a vida continua…

Além destes, André ditou a Chico Xavier livros como *Desobsessão*, *Sinal Verde*, *Respostas da Vida*, *Apostilas da Vida* e *Endereços da paz*. Em parceria com Emmanuel, ditou ainda *Estude e viva*, *Ação e Caminho*, *A verdade responde* e *Tempo e nós*. Juntamente com o Espírito Lucius ditou *Cidade no Além*.

CAPÍTULO 9
A ÚLTIMA FASE E NA OUTRA DIMENSÃO

Em 19 de maio de 1975, Chico Xavier, então trabalhador da Comunhão Espírita Cristã, decidiu que o Centro havia crescido tanto que não combinava mais com o trabalho simples que gostava de realizar e decidiu se desligar da Casa Espírita.

Ele fundou o Grupo Espírita da Prece, em 18 de julho de 1975, em uma modesta casa, em que viveu e trabalhou até os seus últimos dias de vida.

Nos últimos anos e já com a saúde bastante prejudicada, Chico reduziu a quantidade de trabalho, passando a ser preservado do assédio dos milhares de pessoas que iam até Uberaba para vê-lo. A tarefa de preservá-lo coube a seu filho adotivo, Eurípedes Higino dos Reis, que selecionava apenas poucas pessoas para vê-lo pessoalmente. Por essa tarefa, Eurípedes Higino era muito criticado pelas pessoas que iam até Uberaba. Foram muitas as vezes em que ele foi acusado de cobrar “pedágio” para quem quisesse visitar o médium ou de privilegiar o acesso de pessoas famosas. Muitos consideravam que na casa de Chico Xavier residia um santo, Chico, e um diabo, Eurípedes.

É digno de nota que, mesmo sofrendo investigação pelo Ministério Público, nada foi encontrado que comprovasse que Eurípedes recebia dinheiro em nome de Chico Xavier.

Eurípedes Higino foi a pessoa que mais tempo permaneceu próxima ao médium. Apesar de Chico ter tido muitos amigos em vida, poucos tiveram a paciência de acompanhá-lo durante muito tempo, pois ele tinha uma vida de abnegação, e os amigos, de uma maneira ou de outra, acabavam tendo de participar dos trabalhos de caridade dele.

Antes de falecer, Chico teria combinado com Eurípedes Tahan Vieira, seu médico, com seu filho adotivo e com a enfermeira Katia Maria um código para que suas comunicações pudessem ser autenticadas e reconhecidas após o seu desencarne. Três informações deveriam constar da primeira mensagem enviada

do Além. Ele revelaria um dos seus segredos mais bem-guardados: quem ele teria sido na última encarnação.

Seis meses após sua morte, o médium Carlos Baccelli escreveu *Na próxima dimensão*, pelo Espírito do médico Inácio Ferreira, ex-diretor clínico do Hospital Psiquiátrico Sanatório Espírita de Uberaba. Na obra, revelou que assistira à passagem de Chico e que este seria a reencarnação de Kardec.

Outra obra de Carlos Baccelli, batizada de *Fundação Emmanuel* e ditada pelo Espírito do Doutor Inácio Ferreira de Oliveira narra o suposto encontro dele com Chico Xavier, em visita à Fundação, e reforça a condição de Chico como um Espírito altamente iluminado e que seria o mesmo que deu vida a Allan Kardec, para codificar a doutrina espírita.

O médium, que conviveu com ele durante anos e se tornou um de seus principais biógrafos, publicou ainda, após o desencarne de Chico, livros como *Chico Xavier responde*, em que, segundo ele, o Espírito de Chico Xavier fala sobre aspectos de sua personalidade como Allan Kardec e como o médium, afirmando, entre outras coisas, sentir-se mais Chico do que Kardec.

Esses livros causaram bastante polêmica no meio espírita e ainda são motivo de discussões acaloradas, mas certamente, pensar na união das duas personalidades em um mesmo Espírito seria um desfecho inusitado e digno de todos os fenômenos extraordinários que Chico promoveu em vida.

100 FRASES DE CHICO PARA NOS INSPIRAR

Em centenas de entrevistas e, em seus mais de 430 livros, Chico Xavier trouxe ensinamentos que, se aplicados, podem guiar a todos no caminho do bem. Selecionamos as 100 principais, uma para cada ano, em homenagem ao centenário deste verdadeiro Mestre. Essas frases valem por toda a obra deixada por ele.

1 “Embora ninguém possa voltar atrás para fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora a fazer um novo fim.”

2 “Não exijas dos outros qualidades que ainda não possuem. A árvore nascente aguarda-te a bondade e a tolerância para que te possa ofertar os próprios frutos em tempo certo.”

3 “Deixe algum sinal de alegria, onde passes.”

4 “Ninguém quer saber o que fomos, o que possuíamos, que cargo ocupávamos no mundo; o que conta é a luz que cada um já tenha conseguido fazer brilhar em si mesmo.”

5 “Sempre recebi os elogios como incentivos dos amigos para que eu venha a ser o que tenho consciência de que ainda não sou.”

6 “A gente deve lutar contra o comodismo e a ociosidade; caso contrário, vamos retornar ao mundo espiritual com enorme sensação de vazio. Dizem que eu tenho feito muito, mas, para mim, não fiz um décimo do que deveria ter feito.”

7 “A questão mais aflitiva para o espírito no Além é a consciência do tempo perdido.”

8 “A felicidade real começa em fazer a felicidade dos outros.”

9 “A vida é sempre o resultado de nossa própria escolha.”

10 “Em matéria de felicidade convém não esquecer que nos transformamos sempre naquilo que amamos.”

11 “Quem se aceita como é, doando de si à vida o melhor que tem, caminha mais facilmente para ser feliz como espera ser.”

12 “Se Allan Kardec tivesse escrito que ‘fora do Espiritismo não há salvação’, eu teria ido por outro caminho. Graças a Deus ele escreveu ‘Fora da Caridade’,

ou seja, fora do Amor não há salvação.”

13 “Onde existe amor não há lugar para ressentimentos.”

14 “A maior revelação de teu amor aparece brilhando quando permites que o Cristo em ti e contigo possa amar e servir aos outros sem procurar saber quem são e como são.”

15 “A melhor maneira de aprender a desculpar os erros alheios é reconhecer que também somos humanos, capazes de errar talvez ainda mais desastradamente que os outros.”

16 “Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã.”

17 “Cada boa ação que você pratica é uma luz que você acende em torno dos próprios passos.”

18 “Cada minuto é uma semente de amor que podes cultivar ou uma abençoada luz que podes acender para o grande futuro.”

19 “Confiemos na Providência Divina e aceitemos no serviço do bem a nossa mais bela e melhor oportunidade a que denominamos: agora.”

20 “Depressão? Alma querida, se tens apenas tristeza, se te sentes indefesa, contra mágoa e dissabor, sai de ti mesma e auxilia aos que mais sofrem na estrada. A depressão é curada pelo trabalho de amor.”

21 “Nunca somos tão pobres de bens materiais e espirituais que não possamos doar alguma coisa ao companheiro necessitado, seja o pão ou a palavra de consolo e solidariedade.”

22 “O amor verdadeiro auxilia sem perguntar.”

23 “Se quiser realmente ver o teu maior inimigo, pare por alguns instantes à frente de um espelho.”

24 “Sempre que chamados à crítica, respeitemos o esforço nobre dos semelhantes. Para construir, são necessários amor e trabalho, estudo e competência, compreensão e serenidade, disciplina e devotamento. Para destruir, porém, basta, às vezes, uma só palavra.”

25 “Sem a ideia da reencarnação, sinceramente, com todo respeito às demais religiões, eu não vejo uma explicação sensata, inclusive, para a existência de Deus.”

26 “Berço e túmulo são simples marcos de uma condição para a outra. Somos responsáveis por nossa tragédia e por nossa glória.”

27 “Hoje auxiliamos, amanhã seremos os necessitados de auxílio.”

28 “A desilusão de agora será benção depois.”

29 “Nenhuma atividade no bem é insignificante. As mais altas árvores são oriundas de minúsculas sementes.”

30 “Muitos ficam na expectativa do socorro do Alto, mas não querem nada com o esforço de renovação; querem que os espíritos se intrometam na sua vida e resolvam seus problemas.”

31 “Devemos orar pelos políticos, pelos administradores da vida pública. A tentação do poder é muito grande. Eu não gostaria de estar no lugar de nenhum deles.”

32 “Sem Deus no coração, as futuras gerações colocarão em risco a Vida no planeta. Por maior que seja o avanço tecnológico da Humanidade, impossível que o homem viva em paz sem que a ideia de Deus o inspire em suas decisões.”

33 “Pela força do exemplo vencerás.”

34 “Na realidade, toda doença no corpo é processo de cura para a alma.”

35 “Uma das mais belas lições que tenho aprendido com o sofrimento: não julgar, definitivamente não julgar a quem quer que seja.”

36 “O exemplo é uma força que repercute de maneira imediata, longe ou perto de nós. Não podemos nos responsabilizar pelo que os outros fazem de suas vidas; cada qual é livre para fazer o que quer de si mesmo, mas não podemos negar que nossas atitudes inspiram atitudes, seja no bem ou no mal.”

37 “Fico triste quando alguém me ofende, mas, com certeza, eu ficaria mais triste se fosse eu o ofensor. Magoar alguém é terrível!”

38 “Perante Deus toda pessoa é importante.”

39 “O bem que praticares em qualquer lugar é seu advogado em toda a parte.”

40 “A criança desprotegida que encontramos na rua não é motivo para revolta ou exasperação, e sim um apelo para que trabalhemos com mais amor pela edificação de um mundo melhor.”

41 “Às vezes, naquele minuto de oração deixamos de tomar uma atitude precipitada, de proferir uma palavra agressiva, de permitir que a cólera nos induza a qualquer atitude infeliz…”

42 “A alegria do próximo começa muitas vezes no sorriso que você lhe queira dar.”

43 “A crítica dos outros só poderá trazer-lhe prejuízo se você consentir.”

44 “A dor é uma luz acesa no apoio da evolução.”

45 “A hora que passa é preciosa demais para que lhe percamos a grandeza.”

46 “A humildade é a chave de nossa libertação.”

47 “O Cristo não pediu muita coisa, não exigiu que as pessoas escalassem o Everest ou fizessem grandes sacrifícios. Ele só pediu que amássemos uns aos outros.”

48 “A marcha será medida pelo passo do serviço ao próximo.”

49 “Toda a vida futura, no entanto, depende inevitavelmente da vida presente, como toda a colheita próxima se deriva da sementeira atual.”

50 “A melhora de tudo para todos começa na melhora de cada um.”

51 “A pedra colocada em disciplina é o agente que te assegura firmeza na construção.”

52 “A serenidade e o apreço para com os inimigos são os melhores antídotos para que as preocupações com eles não nos destruam.”

53 “A tarefa parece fracassar? Siga adiante trabalhando, que, muitas vezes é necessário sofrer, a fim de que Deus nos atenda à renovação.”

54 “A Terra é uma embarcação cósmica de vastas proporções e não podemos olvidar que o Senhor permanece vigilante no leme.”

55 “Toda migalha de amor está registrada na Lei, em favor de quem a emite.”

56 “A vitória na luta pelo bem contra o mal caberá sempre ao servidor que souber perseverar com a Lei Divina até o fim.”

57 “Aceita-te como és e aceita a vida em que deves estar, na condição em que te vês, a fim de que faças em ti o burilamento possível.”

58 “Acentuemos, na própria vida, a disposição de aprender e auxiliar.”

59 “Ajude conversando. Uma boa palavra auxilia sempre.”

60 “Alma corajosa não é aquela que se dispõe a revidar o golpe recebido e sim aquela que sabe desculpar e esquecer.”

61 “Amigo, continua servindo e não temas. Onde viste o lavrador que deitasse as sementes na terra e as visse germinar, no mesmo instante? O serviço que te confiei é aquele mesmo que o Pai me deu a fazer… Nenhum gesto de bondade e nenhuma palavra de amor se perdem na construção do Reino do Bem-Eterno.”

62 “Ampara aos que se acham perseguidos pela ignorância ou pela crueldade.”

63 “Ante às crises da vida, não te revoltes. Serve.”

64 “Façamos da caridade o pão espiritual da vida.”

65 “As almas afins se engrandecem constantemente repartindo as suas alegrias e os seus dons com a Humanidade inteira, não existindo limitações para o amor, embora seja ele também a luz divina a expressar-se em graus diferentes nas variadas esferas da vida.”

66 “As mães e os pais terrestres foram convocados a negócios de renúncia, exemplificação e devotamento.”

67 “Auxilia aos outros, tanto quanto puderes. Cada pessoa que hoje te encontra talvez seja amanhã a chave de que necessitas para a solução de numerosos problemas.”

68 “Você nem sempre terás o que desejas, mas enquanto estiveres ajudando os outros encontrarás os recursos que pre-cisa.”

69 “Cada criatura constrói na própria mente e no próprio coração o paraíso que a erguerá ao nível sublime da perfeita alegria, ou o inferno que a rebaixará

aos mais escuros antros de sofrimento.”

70 “Centraliza-te no esforço de auxiliar no bem comum, seguindo com a tua cruz, ao encontro da ressurreição divina. Nas surpresas constrangedoras da marcha, recorda que antes de tudo importa orar sempre, trabalhando, servindo, aprendendo, amando e nunca desfalecer.”

71 “Colocar-te-ás na posição dos que sofrem, a fim de que faças por eles tudo aquilo que a ti desejarias nas mesmas circunstâncias.”

72 “Comecemos nosso esforço de soerguimento espiritual desde hoje e, amanhã, teremos avançado consideravelmente no grande caminho!”

73 “Compreendamos que unicamente cooperando na paz dos outros é que o concurso da paz virá ao nosso encontro.”

74 “Compreender constantemente. Trabalhar sempre. Descansar, quando se mostre necessária a pausa de refazimento. Parar nunca.”

75 “Confia em Deus, mas não te esqueças de que Deus confia em ti.”

76 “Corrijamos a nós mesmos, antes que o mundo nos corri-ja.”

77 “De tudo o que semeares, efetivamente colherás.”

78 “Dentro da visão espírita-cristã, céu, inferno e purgatório começam dentro de nós mesmos. A alegria do bem praticado é o alicerce do céu. A má intenção já é um piso para o purgatório e o mal devidamente efetuado, positivado, já é o remorso que é o princípio do inferno.”

79 “Deus colocou a esperança em cada realização da Natureza, por que haveremos nós de desesperar?”

80 “Dificuldades que te surpreendam são os testes aconselháveis em que te cabe encontrar aproveitamento.”

81 “Enquanto houver um gemido na paisagem em que nos movimentamos, não será lícito cogitar da felicidade isolada para nós mesmos.”

82 “Esquece injúrias e ofensas. Não lastimes o passado. Não censures a ninguém. Segue sempre para diante e não temas. Deus vigia.”

83 “Estenda a mão ao que necessita de apoio. Chegará seu dia de receber cooperação.”

84 “Examina o sentido, o modo e a direção de tuas palavras, antes de pronunciá-las.”

85 “Nada se realiza de útil e grande sem a coragem.”

86 “Não critiques. A lâmina de nossa reprovação volta-se, invariavelmente, contra nós, expondo-nos as próprias deficiências.”

87 “Não desesperes. O raio de nossa inconformação aniquilará a sementeira de nossos melhores sonhos.”

88 “Não exija perfeição nos outros e nem mesmo em você, mas procure melhorar-se quanto possível.”

89 “Não firas. O golpe da nossa crueldade brandido na direção dos outros, retornará a nós mesmos, inevitavelmente, fazendo chagas de dor e aflição no corpo de nossa vida.”

90 “Não nos esqueçamos de que o filho descuidado, ocioso ou perverso é o pai inconsciente de amanhã e o homem inferior que não fruirá a felicidade doméstica.”

91 “Não se esqueças de que casar é tarefa para todos os dias, porquanto somente da comunhão espiritual gradativa e profunda é que surgirá a integração dos cônjuges.”

92 “Não te encolerizes. O punhal de nossa ira alcança-nos a própria saúde, impondo-nos o vírus da enfermidade.”

93 “Ninguém recolhe o bem sem conquistá-lo e ninguém recebe o mal sem atraí-lo.”

94 “Cada hora na vida é recurso potencial para a criação de novos destinos.”

95 “Na vida, não vale o que temos nem tanto importa o que somos. Vale o que realizamos com aquilo que possuímos e, acima de tudo, importa o que fazemos de nós.”

96 “O seu pior momento na vida é sempre o instante de melhorar.”

97 “Recorda: felicidade é uma construção a fazer. O alicerce está em ti mesmo.”

98 “Ouve os que te busquem a presença ou a palavra, com bondade e simpatia.”

99 “Podes contar com Deus na solução de todos os teus problemas, entretanto, não te esqueças de que Deus conta contigo em todos os teus caminhos.”

100 “Quem perdeu a própria fé nada mais tem a perder.”

APÊNDICE 1
CRONOLOGIA DE CHICO XAVIER

1910 – Nasce em 2 de abril na cidade mineira de Pedro Leopoldo, tendo como nome de batismo Francisco de Paula Cândido. É filho de João Cândido Xavier e de Maria João de Deus.
1915 – Passa a morar com a sua madrinha, Maria Rita de Cássia, após a morte de sua mãe, Maria João de Deus.
1917 – Consegue livrar-se dos maus-tratos de sua madrinha, passando a morar com Cidália Batista, nova mulher de seu pai, que reúne todos os filhos do primeiro casamento de João Cândido.
1919 – Passa a trabalhar em uma fábrica de tecidos.
1923 – Conclui o curso primário.
1925 – Começa a trabalhar no armazém de José Felizardo Sobrinho, em Pedro Leopoldo.
1927 – Tem o primeiro contato com o Espiritismo, quando sua irmã fica doente e é levada para ser curada em uma casa espírita. Começa a participar ativamente do centro espírita Luíz Gonzaga, fundado por seu irmão José Xavier. Faz sua primeira psicografia.
1931 – Conversa pela primeira vez com seu mentor espiritual, Emmanuel. E escreve seu primeiro livro mediúnico, intitulado *Parnaso de além-túmulo*, uma coletânea de poemas assinados por grandes poetas brasileiros já falecidos: Castro Alves, Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos, entre outros.
1939 – Psicografa livros do escritor Humberto de Campos, morto em 1934, e lança o livro *Crônicas de além-túmulo*, com os textos narrados pelo escritor falecido.
1944 – É processado pela família de Humberto de Campos, que exige parte dos direitos autorais dos livros psicografados. A justiça decide em favor de Chico. Para evitar mais polêmica, Humberto de Campos passa a assinar com o pseudônimo de Irmão X. Publica o livro *Nosso Lar*, psicografado pelo Espírito André Luiz e que vende mais de 1,5 milhões de cópias.

1946 – Passa por problemas de saúde, vitimado pela tuberculose.
1960 – Publica o livro *Mecanismos da mediunidade*, em parceria com o médium Waldo Vieira.
1963 – Aposenta-se após trinta anos de trabalho como auxiliar de serviço e passa a intensificar o seu trabalho de assistência social junto da comunidade espírita de Uberaba.
1965 – Viaja para os Estados Unidos, visando difundir o Espiritismo.
1972 – Dá uma entrevista a um programa na TV Tupi que tem picos de audiência, atingindo mais de 20 milhões de telespectadores.
1980 – É indicado para concorrer ao Prêmio Nobel da Paz de 1981.
1985 – Em um julgamento histórico, João Francisco de Deus é inocentado da acusação de matar sua mulher. A defesa utiliza psicografias feitas por Chico Xavier e ditadas pelo Espírito Cleide, mulher de João, que nas mensagens, inocenta o marido da culpa.
1995 – Após um enfisema pulmonar, fica bastante debilitado e preso a uma cadeira de rodas.
1999 – Publica em vida seu último livro, intitulado *Escada de luz*.
2002 – Falece no dia 30 de junho, quando o Brasil comemorava a conquista do pentacampeonato mundial de futebol.
2010 – É lançado um filme sobre sua vida, comemorando o centenário de seu nascimento, que é assistido por mais de 3 milhões de pessoas. Nosso Lar, sua principal obra mediúnica também ganha uma adaptação cinematográfica, vista por milhões de pessoas em todo o país.



Placa na entrada da residência de Chico, transformada em museu.



Frente do mausoléu em homenagem a Chico Xavier.

Túmulo do médium no cemitério de Uberaba.


PARAÍSO

APÊNDICE 2
MEDIUNIDADE

Mesmo que não seja praticante espírita, você já deve ter ouvido falar na figura do médium. Mas, afinal de contas, o que é a mediunidade? Para simplificar a compreensão, chamaremos a mediunidade de sexto sentido.

Segundo Allan Kardec, esse sexto sentido permitiria a percepção da influência dos Espíritos e poderia ser desenvolvido por qualquer pessoa, já que a mediunidade é uma capacidade orgânica.

Existe um órgão responsável pela mediunidade no corpo humano: a epífise, glândula situada na região centroposterior da área diencefálica do cérebro, constituindo a sede fisiológica de todos os fenômenos mediúnicos.

Assim, conclui-se que todas as pessoas têm a capacidade de perceber a influência dos Espíritos, mas nem todos a desenvolvem durante sua existência.

O sexto sentido ou percepção extrassensorial abrange uma enorme gama de fenômenos, como a telepatia e a vidência, entre outros, e tem como objetivo estabelecer uma ponte para contato entre o mundo físico e o espiritual. Para isso, ele se apresenta por meio de fenômenos de efeitos intelectuais (psicografia, psicofonia, clarividência, clariaudiência, entre outros) ou efeitos físicos (batidas, movimento de objetos, materializações, fenômenos de voz direta etc.).

O Espiritismo diz que é perfeitamente natural a comunicação com os Espíritos desencarnados e vice-versa, uma vez que todos são Espíritos, embora alguns estejam temporariamente encarnados. Essa comunicação se estabelece nos níveis mental e emocional e dentro dos princípios da lei de sintonia, ou seja, encarnados e desencarnados se atraem ou se repelem por afinidade e interesses em comum.

Aquele que desenvolve a mediunidade é denominado médium. Geralmente, eles têm aptidão especial para determinado tipo de fenômeno. Disso resulta a formação de tantas variedades quantas são as formas de manifestações. As principais são a dos médiuns de efeitos físicos, a dos sensitivos, a dos audientes, a dos videntes, a dos sonambúlicos, a dos curadores, a dos pneumatógrafos e a dos psicógrafos:

- Médiuns de efeitos físicos: são aqueles aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes ou os ruídos. Podem ser classificados em médiuns facultativos – os que produzem os fenômenos espíritas por vontade própria e são totalmente conscientes do que estão fazendo; e médiuns involuntários – que não possuem consciência e nem mesmo desejo de produzir fenômenos.
- Médiuns sensitivos: trata-se das pessoas suscetíveis a sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga e que podem reconhecer se o Espírito é bom ou mau por meio de sensações mais sutis ou mais pesadas.
- Médiuns audientes: são aqueles que ouvem a voz dos Espíritos e podem conversar diretamente com eles.
- Médiuns psicofônicos: são os que transmitem as comunicações dos Espíritos por meio da fala.
- Médiuns videntes: são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Entre essa classificação, há alguns que só veem os evocados e outros que veem toda a população de Espíritos.
- Médiuns sonambúlicos: nesse tipo de mediunidade, o Espírito do médium vê, ouve e percebe os demais Espíritos enquanto dorme.
- Médiuns curadores: consiste no dom que certas pessoas têm de curar pelo simples toque, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação.
- Médiuns psicógrafos: transmitem as comunicações dos Espíritos por meio da escrita.

Esses médiuns podem ser divididos em três categorias: mecânicos, semimecânicos e intuitivos. Os mecânicos não têm consciência do que escrevem, e a influência do pensamento do médium na comunicação é quase nenhuma. Os semimecânicos interferem parcialmente na comunicação. Já os intuitivos recebem a ideia do Espírito comunicante e a interpretam, desenvolvendo-a com os recursos de suas próprias possibilidades morais e intelectuais.

APÊNDICE 3
ALLAN KARDEC

Seu nome é Hippolyte Léon Denizard Rivail, mas ele se tornou mundialmente conhecido como Allan Kardec. Nascido em Lion, França, em 3 de outubro de 1804, ele não tinha ideia do seu destino.

Chamado pelos espíritas de Codificador, Allan Kardec foi o primeiro pesquisador a estudar em detalhes os fenômenos ditos sobrenaturais batizados de "mesas girantes" que se realizavam por toda a Europa, a América e, em particular, a França.

Mas o resultado dessa pesquisa levou-o ao conhecimento de algo que jamais poderia supor, algo totalmente diferente do que sua visão de cientista esperava encontrar.

Dotado de notável inteligência, Hippolyte tornou-se, ainda muito jovem, bacharel em Letras e em Ciências. Falava corretamente alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês.

Em seus estudos, teve influência do célebre professor Pestalozzi, do qual bem cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos e colaborador.

Membro de várias sociedades sábias, publicou diversas obras, como *Curso prático e teórico de Aritmética e Gramática francesa clássica*, entre outras, as quais venderam muito e fizeram-no ganhar bastante dinheiro. Nessa época, Hippolyte tinha seu nome bastante conhecido e respeitado, muito antes de imortalizar o nome Allan Kardec.

Prosseguindo em sua carreira pedagógica, Hippolyte poderia viver feliz e tranquilo, com sua fortuna construída pelo trabalho, mas a sua missão o chamava a uma obra maior.

Foi em 1854 que ele ouviu falar nas mesas girantes pela primeira vez. Isso ocorreu durante uma conversa com o Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações em razão dos seus estudos sobre o magnetismo. Nessa conversa, o Sr. Fortier disse-lhe:

– Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não somente se faz girar

uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar. Interroga-se, e ela responde.
– Isso, replicou Hippolyte, é outra questão; eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula para provocar o sono.

Tal era, a princípio, o estado de espírito de Hippolyte. Assim, ele se encontrou, muitas vezes, não negando coisa alguma, mas pedindo provas e querendo ver e observar para crer.

Nessa época de sua vida, de 1854 a 1856, um novo horizonte se apresentou. O nome Hippolyte Léon Denizard Rivail saiu de cena para ceder lugar ao de Allan Kardec, que a fama levou ao mundo.

Eis, a seguir, como Allan Kardec revela as suas dúvidas, as suas hesitações e também a sua iniciação:

Eu me encontrava, pois, no ciclo de um fato inexplicado, contrário, na aparência, às leis da Natureza e que minha razão repelia. Nada tinha ainda visto nem observado; as experiências feitas em presença de pessoas honradas e dignas de fé me firmavam na possibilidade do efeito puramente material; mas a ideia de uma mesa falante não me entrava ainda no cérebro.

No ano seguinte, mais exatamente em 1855, ele encontrou o Sr. Carlotti, um grande amigo, que discorreu acerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com o entusiasmo que ele punha em todas as ideias novas. “Ele foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos, e contoume tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencerem, aumentaram as minhas dúvidas”, relatou Kardec.

Pouco tempo depois, ele teve contato pela primeira vez com este fenômeno das mesas girantes. O relato dado por Kardec demonstra suas primeiras impressões:

Foi aí, pela primeira vez, que testemunhei o fenômeno das mesas girantes que saltavam e corriam, e isso em condições tais que a dúvida não era possível. Aí vi também alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de se haver modificado, mas naquilo havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas aparentes futilidades e

espécie de divertimento, que ali se fazia alguma coisa séria e que estava presenciando a revelação de uma nova lei, em que me prometi aprofundar. A ocasião se me ofereceu, e pude observar mais atentamente do que tinha podido fazer. Em um dos serões da Sra. Plainemaison, fiz conhecimento com a família Baudin, que se ofereceu para me permitir assistir às sessões que se efetuavam em sua casa, e às quais eu fui, desde esse momento, muito assíduo. Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

Desde o início, Kardec viu nesses fenômenos a solução do que havia procurado por toda a sua vida e entendeu que aquilo poderia revolucionar todas as ideias e crenças tidas até aquele momento. Kardec passou a observar esse fenômeno e, assim, descobriu o princípio de novas leis naturais que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Suas obras principais sobre a doutrina espírita foram: *O livro dos espíritos*, referente à parte filosófica e cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857; *O livro dos médiuns*, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, referente à parte moral (abril de 1864); *O céu e o inferno ou a justiça de Deus segundo o Espiritismo* (agosto de 1865); *A gênese, os milagres e as predições* (janeiro de 1868); e *A revista espírita*, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal criado em 1o de janeiro de 1858.

Ele também fundou, em Paris, em 1o de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Uma noite, Kardec recebeu de seu Espírito protetor uma comunicação na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, no tempo dos druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec, e como a amizade que lhe havia devotado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito ajudá-lo na tarefa importante a que ele era chamado. No momento de publicar *O livro dos espíritos*, sua primeira obra sobre Espiritismo, o autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria: com o seu nome de batismo ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito

conhecido no mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele optou por assinar com o nome de Allan Kardec.

Os livros de Allan Kardec eram feitos a partir de entrevistas com os Espíritos, por intermédio de médiuns. Um dos momentos que mais impressionaram Kardec foi o primeiro contato com seu Espírito familiar.

Kardec estava em seu gabinete de trabalho quando ouviu ressoarem pancadas repetidas na madeira. No dia seguinte, na casa do Sr. Baudin, ele solicitou explicações aos Espíritos sobre o fenômeno:

Kardec – Ouvistes o fato que acabo de narrar; podereis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência?
Espíritos – Era o teu Espírito familiar.
K. – Com que fim, vinha ele bater assim?
E. – Queria comunicar-se contigo.
K. – Podereis dizer-me o que queria ele?
E. – Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.
K. – Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, agradeço-vos terdes vindo visitar-me. Quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?
E. – Para ti chamar-me-ei a Verdade, e todos os meses, durante um quarto de hora, estarei aqui, à tua disposição.
K. – Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa de particular a dizer-me?
E. – O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias; o que escrevias desagradava-me e eu queria fazer-te parar.
Nota – O que eu escrevia era precisamente relativo aos estudos que fazia sobre os Espíritos e suas manifestações.
K. – A vossa desaprovação versava sobre o capítulo que eu escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho?
E. – Sobre o capítulo de ontem: faço-te juiz dele. Torna a lê-lo esta noite; reconhecer-lhe-ás os erros e os corrigirás.
K. – Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?
E. – Está melhor, mas não muito bom. Lê da terceira à trigésima linha e reconhecerás um grave erro.
K. – Rasguei o que tinha feito ontem.
E. – Não importa. Essa inutilização não impede que subsista o erro. Relê e verás.

K. – O nome de Verdade que tomais é uma alusão à verdade que procuro?
E. – Talvez, ou, pelo menos, é um guia que te há de auxiliar e proteger.
K. – Posso evocar-vos em minha casa?
E. – Sim, para que eu te assista pelo pensamento; mas, quanto a respostas escritas em tua casa, não será tão cedo que as poderás obter.
K. – Podeis vir mais frequentemente que todos os meses?
E. – Sim; mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.
K. – Animastes alguma personagem conhecida na Terra?
E. – Disse-te que para ti eu era a Verdade, o que da tua parte devia importar discrição; não saberás mais que isto.

De volta à casa, Allan Kardec apressou-se a reler o que escrevera e pôde verificar o grave erro que havia cometido.

Em 1861, o bispo de Barcelona ordenou que fossem queimadas trezentas obras espíritas em um auto de fé. Allan Kardec poderia promover uma ação diplomática e obrigar o governo espanhol a efetuar o retorno das obras. Os Espíritos, porém, o dissuadiram disso, dizendo que era preferível para a propaganda do Espiritismo deixar essa ação seguir o seu curso.

Assim, o bispo de Barcelona fez queimar em praça pública as obras incriminadas.

Uma multidão incalculável aglomerava-se e cobria a esplanada em que ardia a fogueira. Quando o fogo consumiu os trezentos volumes espíritas, o padre e os seus ajudantes se retiraram cobertos pelas maldições dos numerosos assistentes, que gritavam: “Abaixo a Inquisição!”.

Trabalhador incansável, Allan Kardec faleceu em 31 de março de 1869. Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio de repouso intelectual e pequena atividade física. Amélia Boudet, esposa de Kardec, tinha 74 anos na ocasião da morte de seu esposo. Viveu até 1883, ano em que, em 21 de janeiro, veio a falecer também, na idade de 89 anos, sem herdeiros diretos.

APÊNDICE 4
CONCEITOS ESPÍRITAS

Diferentemente da ideia do “morreu, acabou” ou do “dia do juízo final” em que eleitos serão escolhidos para voltar à vida, o Espiritismo traz como base a ideia de continuidade da vida após a morte, norteada pelo conceito de reencarnação.

A reencarnação é a oportunidade que cada Espírito tem de ter diferentes existências no planeta, cada uma em um corpo diferente. O Espírito é sempre o mesmo, mas o corpo muda de uma existência para a outra, e o Espírito pode habitar um corpo de homem ou de mulher. O número de encarnações em cada sexo depende da necessidade de cada Espírito. Experiências no sexo feminino podem ajudá-lo no desenvolvimento da emoção, da sensibilidade, do instinto de conservação, da delicadeza de gestos, do contato social, entre outros. Só quem já passou pela prova da maternidade, por exemplo, pode testemunhar o quanto ela ajuda na compreensão do amor fraterno e no desenvolvimento do carinho para com o filho.

Em contrapartida, experiências no sexo masculino ajudam a acentuar a racionalidade, a força, o senso de responsabilidade pelo sustento da família, entre outros.

Assim, o sexo escolhido terá como premissa aquele que facilitar mais a sua evolução, e em geral, o Espírito tende a reencarnar mais em um sexo do que em outro. O número de reencarnações pelo qual terá de passar dependerá basicamente da velocidade em que ele evoluir. Quanto mais lenta for sua evolução, maior o número de reencarnações, visando a auxiliá-lo por meio de experiências diferentes.

Referente ao assunto homossexualismo, o Espiritismo é contrário a qualquer tipo de discriminação. Apesar de não abordar diretamente o assunto em nenhuma das obras básicas de sua codificação, o Espiritismo ensina que todos podem trazer tendências de vidas passadas, nas quais podem ter habitado um corpo de sexo diferente do desta encarnação.

Segundo Kardec, o Espírito, inicialmente, não possui gênero sexual, ou seja,

não é homem ou mulher. Somente quando encarna no planeta é que o Espírito passa a se diferenciar em um corpo masculino ou feminino. Ele afirma que um espírito não reencarna como homem ou mulher em porcentagem igual; quase sempre há uma predominância de um dos lados. Assim, no estágio atual de evolução, mesmo no mundo espiritual, ainda não existe uma personalidade sexual neutra. Somente Espíritos de primeira ordem – os chamados Espíritos puros – é que conseguem não apresentar tendências para um ou para outro lado.

Esporadicamente, e por necessidade evolutiva, acontece um processo chamado encarnação inversiva, no qual um Espírito com tendência feminina encarna em um corpo físico masculino ou vice-versa. Mesmo assim, esse tipo de encarnação não determina necessariamente a prática homossexual, pois uma premissa básica do Espiritismo é o uso do livre-arbítrio do indivíduo para fazer qualquer tipo de escolha, incluindo as sexuais.

Assim, nem todo homossexual é um Espírito necessariamente vindo em uma encarnação inversiva, pois existem pessoas de encarnação normal, mas que sofreram traumas na infância que influenciaram diretamente sua opção sexual. Outras vezes, o impulso sexual incontrolável – tanto no caso de homossexuais como no de heterossexuais – pode estar relacionado a uma obsessão (ação prejudicial que um Espírito exerce sobre um encarnado) e, para isso, o Espiritismo oferece tratamento fluidoterápicos e desobsessivos.

No outro lado da vida, o sexo deixa de ter a importância que possuía na Terra. Espíritos não têm sexo como entendemos aqui na Terra, o que não significa que sejam assexuados.

O sexo é tido pelo Espiritismo como algo sagrado. Durante uma relação sexual, são trocados fluidos e energias entre os pares. Quando feito com amor, ele ajuda a revigorar as energias e coloca os pares em contato com algo extremamente sublime. Nesse tipo de relação não é permitido que Espíritos inferiores acompanhem o ato sexual.

Já quando existe a promiscuidade, Espíritos menos elevados ficam próximos para se nutrirem das energias psíquicas do casal e podem participar junto da relação, algumas vezes, inclusive, comandando seus atos e buscando a satisfação de desejos de todos os níveis, fazendo os pares serem quase marionetes e meros executores dos seus desejos.

Boa parte dos Espíritos que desencarna está altamente comprometida pelo mau uso que fez do sexo enquanto estava na Terra. Toda relação sexual gera algum grau de comprometimento entre os pares, e se usada como algo simplesmente para satisfazer o instinto, pode causar sérios problemas para quem dela fez uso. Há Espíritos, por exemplo, que chegam ao outro lado com sensação de dor na região genital.

Em *No mundo maior*, livro psicografado por Chico Xavier, André Luiz narra sua ida a um grupo de estudos e o esclarecimento que recebeu dos instrutores sobre o assunto sexo:

[…] E mais da metade dos milhões de espíritos encarnados na Crosta da Terra, de mente fixa na região dos movimentos instintivos, concentram suas faculdades no sexo, do qual se derivam naturalmente os mais vastos e frequentes distúrbios nervosos; constituem eles compactas legiões, nas adjacências da paisagem primitiva da evolução planetária, irmãos nossos da infância do conhecimento, que ainda não sabem criar sensações e vida senão mobilizando os recursos da força sexual. Grande parte de criaturas, contudo, havendo conquistado a razão, acima do instinto, permanece nos desatinos da prepotência, seduzida pelo capricho autoritário, faminta de evidência e realce, ainda que atidas a trabalho proveitoso e às paixões nobres, muitas vezes… Pequeno grupo de homens e de mulheres, por fim, após atingir o equilíbrio sexual na zona instintiva do ser e depois de obter os títulos que lhes confere seu trabalho e com os quais dominam na vida, regendo as energias próprias, em pleno regime de responsabilidade individual, passam a fixar-se na região sublime na super- consciência, não mais encontrando a alegria integral no contentamento do corpo físico ou na evidência pessoal; procuram alcançar os círculos mais altos da vida, absorvidos em idealismo superior; sentem-se no limiar de esferas divinas, já desde a estrada nevoenta da carne, à maneira do viajor que, após vencer caminhos ásperos na treva noturna, estaca, desajustado, entre as derradeiras sombras da noite e as promessas indefiníveis da aurora […]

Em *Nosso Lar*, vemos o caso de Laerte, pai de André Luiz que, mesmo após o seu desencarne, continuava sendo usado como marionete por suas ex-amantes na Terra, não conseguindo se libertar delas e nem tão pouco sair do Umbral, rumo a uma colônia espiritual.

Uma explicação muito interessante sobre esse assunto é dada no livro *Missionários da luz*, terceira obra de autoria do espírito André Luiz. Nele, o autor questiona o instrutor Alexandre sobre a inviolabilidade das relações sexuais, o qual responde:

[…] Todos os encarnados que edificam o ninho conjugal, sobre a retidão, conquistam a presença de testemunhas respeitosas, que lhes garantem a privacidade dos atos mais íntimos, consolidando-lhes as fronteiras vibratórias e defendendo-as contra as forças menos dignas, tomando, por base de seus

trabalhos, os pensamentos elevados que encontram no ambiente doméstico dos amigos; não ocorre o mesmo, entretanto, nas moradias cujos proprietários escolhem baixas testemunhas espirituais, buscando-as em zo-nas inferiores. A esposa infiel aos princípios nobres da vida em comum e o esposo que põe sua casa em ligação com o meretrício não devem esperar que seus atos afetivos permaneçam coroados de veneração e santidade. Suas relações mais íntimas são objeto de participação das desvairadas testemunhas que escolheram. Tornam-se vítimas inconscientes de grupos perversos, que lhes partilham as emoções de natureza fisiológica, induzindo-as à mais dolorosa viciação. Ainda que esses cônjuges infelizes estejam temporariamente catalogados no pináculo das posições sociais humanas, não poderão trair a miserável condição interior, sequiosos que vivem de prazeres criminosos, dominados de estranha e incoercível volúpia.

Quando encarnado, o corpo físico é unido ao Espírito por um laço bem tênue que se desfaz somente no momento do desencarne. Enquanto estão aqui no planeta, corpo e Espírito formam um conjunto só, porém, quando em sono profundo, o Espírito tem a oportunidade de se desligar do corpo e retornar a sua pátria espiritual, tendo, algumas vezes, vaga lembrança disso por meio do sonho.

O Espiritismo dá ao sono uma significação muito mais profunda do que a simples finalidade de descanso do corpo físico. No período em que permanece adormecido, o corpo não necessita da presença do Espírito para comunicar-lhe atividades físicas ou mentais. Então, o Espírito se liberta, afastando-se do corpo e reintegrando suas faculdades perceptivas e ativas, passando a agir à distância do corpo físico e tendo contato direto com o mundo extrafísico onde vivem os Espíritos, local também conhecido como erraticidade. No momento em que se desprende do corpo, o Espírito permanece ligado somente por um cordão fluídico e energético.

Dependendo de seus interesses e de sua evolução, o encarnado poderá aproveitar esses momentos para visitar outras esferas espirituais em que terá a oportunidade de aprender e conversar com seres que se sintonizem com ele ou mesmo de reencontrar amigos que estão no plano físico ou no espiritual.

Quando uma pessoa é excessivamente apegada à matéria, seu Espírito procura por ambientes mundanos ou mesmo por locais do outro lado onde habitam Espíritos inferiores, buscando satisfazer seus impulsos enquanto dorme.

O sono tem uma enorme importância para o encarnado. Se este acorda se sentindo bem, é porque esteve, durante a noite, em boa companhia. Ao contrário, se despertar cansado e com mau humor, é porque esteve em companhia de

Espíritos ignorantes. O Espiritismo sugere que, antes de dormir, seja feita uma oração a Deus para que o encarnado sintonize os planos mais elevados.

Ao desencarnar, o Espírito se liberta do corpo físico, considerado por este uma verdadeira prisão, e retoma, pouco a pouco, aptidões que tinha anteriormente, como a possibilidade de volitar*, já que o corpo físico traz limitações ao Espírito. Para entender isso, é só se lembrar das roupas dos astronautas, que permitem o movimento fora da atmosfera terrestre, mas que tornam os movimentos deles muito mais lentos e difíceis do que se estivessem aqui no planeta e sem a roupa. Porém, um Espírito não pode prescindir do corpo físico para habitar o planeta, da mesma maneira que os astronautas necessitam de roupas especiais.

Esse processo de desencarne é acompanhado por uma equipe de socorro espiritual, que prestará auxílio ao Espírito caso este tenha merecimento e o ajudará no processo de desligamento dos fios tênues que o prendem ao corpo, trazendo, se possível, esclarecimentos sobre a nova situação dele e levando-o a uma colônia espiritual, onde receberá os primeiros cuidados. Esse desligamento pode ser feito lentamente ou de maneira brusca, dependendo do tipo de desencarne, como, por exemplo, por doença ou por acidente com morte imediata.

Quem já acompanhou o processo de desencarne de um parente em um hospital pode ter a ideia de um procedimento extremamente comum. Os Espíritos iniciam o processo de desligamento, mas, por vezes, os parentes que estão lá com o doente vibram tão intensamente para que ele continue vivo que acabam dificultando demais o processo de desligamento. Para resolver isso, os Espíritos fazem o doente ter uma melhora súbita. Nesse momento, os parentes relaxam e retornam aos seus afazeres, e então, na sequência, os Espíritos podem retomar o processo de desligamento, vindo o doente a falecer em poucas horas.

Porém, nem sempre é possível aos socorristas prestar o atendimento no processo de desencarne. Espíritos altamente comprometidos, que praticaram o mal durante sua existência, podem ser recepcionados, no momento do desencarne, por inimigos que buscam se vingar deles ou mesmo por Espíritos ainda não evoluídos e que entram em contato com eles a fim de levá-los consigo para regiões do Umbral, por exemplo. Estes poderão até tentar escravizá-los para que façam parte do seu grupo de Espíritos que praticam o mal aos encarnados que se sintonizem com eles.

Muitos desses Espíritos passam muito tempo na espiritualidade até ter consciência exata de que desencarnaram. Alguns deles tentam ficar junto das coisas que tinham aqui na Terra e julgam, por vezes, que enlouqueceram. Esse tormento durará até que tenham consciência de que não pertencem mais à

matéria e se livrem do ódio e da maldade que os impede de receber auxílio.

Quem assistiu ao filme *Ghost: do outro lado da vida* terá a visão clara do desencarne de um Espírito bom e de um Espírito que praticou o mal em vida. O primeiro terá um processo similar ao do personagem Sam, quando vai ao encontro do plano espiritual. Já o do segundo será similar ao do assassino de Sam que, quando desencarna, é recepcionado por seres trevosos. Tirando toda a fantasia do cinema e ficando somente com a essência da cena, é possível ter uma ideia próxima do que acontece.

Evidentemente, não existe uma regra geral para o desencarne, que pode variar um pouco de Espírito para Espírito. Desencarnar, porém, não traz ao Espírito nenhuma mudança significativa. A vida do outro lado é continuidade da que ele tinha aqui. Com isso, vemos que ninguém torna-se santo depois de desencarnar e nem tão pouco fica mau. Os Espíritos conservam as características que tinham em vida.

O que determinará o tipo de companhia que terão do outro lado será a afinidade e a sintonia com elas. Quem pensa o mal ou está em desespero se identifica com Espíritos que também pensam o mal. Quem praticou o bem e está tranquilo e sereno se identifica com Espíritos que buscam a prática do bem. É simplesmente uma questão de sintonia.

Ao tomar contato com essas informações sobre desencarnação, inevitavelmente vêm à nossa mente questões referentes à possibilidade de doações de órgãos e ao prazo adequado para enterro ou cremação do falecido.

Quando Allan Kardec escreveu suas obras, a ciência não cogitava a possibilidade de existir a doação de órgãos. Por isso, esse assunto não foi abordado. No entanto, quando questionou aos Espíritos sobre se “A alma não leva nada deste mundo?”, ele recebeu a seguinte resposta: “Não mais que a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor”.

Como visto anteriormente, quando o Espírito desencarna, seu corpo físico não lhe serve para mais nada. Como o objetivo do ser humano é evoluir, e para isso, a principal ferramenta é a prática da caridade, o Espiritismo é favorável à doação de órgãos.

No entanto, apresenta-se uma questão importante. Segundo os espíritas, é preciso diferenciar morte e desencarnação. Enquanto a morte é a paralisação definitiva das funções físicas, a desencarnação é o desligamento do Espírito do corpo físico, e não necessariamente os dois fenômenos ocorrem simultaneamente.

Comentamos anteriormente que pode ocorrer a morte, mas o Espírito continuar ligado ao corpo em virtude do excessivo apego que ele tem pela matéria. Enquanto o Espírito se mantém ligado ao corpo, ele possui todas as

sensações ligadas à matéria. Por essa razão, o Espiritismo aconselha que se obtenha antes a concordância do doador, pois se efetuada a retirada de algum órgão sem que o Espírito esteja de acordo, ele pode vir a sofrer algum tipo de perturbação ou de dor, uma vez que as sensações físicas perduram algumas horas após a morte, principalmente se o Espírito for muito materialista.

Quanto ao enterro e à cremação, vemos que o Espírito preexiste e sobrevive ao corpo. Tanto o sepultamento como a cremação são formas de acomodar o cadáver e expressam o livre-arbítrio de cada um. No entanto, a escolha da cremação exige que se tenha um desapego aos laços materiais, pois se estiver ligado à matéria, o Espírito poderá sofrer demasiadamente ao ver seu corpo incinerado.

O espírito Emmanuel, na psicografia de Chico Xavier, informa que "a cremação é legítima, desde que haja um período de, pelo menos, 72 horas de espera para que ela ocorra".

A cremação, com base em critérios médico-científicos, pode se dar em 24 horas, mas, segundo o Espiritismo, o período deve ser maior, para que se tenha a certeza de que o Espírito se desligou totalmente do corpo e, dessa forma, não receba a impressão do acontecido, o que evita traumas psíquicos.

Quanto ao enterro, se o Espírito continuar apegado à matéria e velando seu corpo, ele poderá sofrer da mesma maneira ao perceber a decomposição deste. O ideal é que a pessoa se torne mais espiritualizada, para que, no momento em que passar pelo processo de desencarne, ela se desligue tranquilamente e inicie uma nova etapa de vida.

Algumas religiões cristãs, como o Catolicismo, não acreditam em reencarnação, e sim na ressurreição, ou seja, na possibilidade de voltar com o mesmo corpo, diferentemente da crença espírita de que a volta se daria em outro corpo. Porém, números estatísticos mostram que, dos conceitos espíritas, a reencarnação é o mais facilmente aceito, e até pessoas de outras religiões usam muitas vezes a palavra reencarnação. O último Censo do IBGE mostra, por exemplo, que 44% dos católicos acreditam em reencarnação, o que seria contrário ao próprio dogma da ressurreição aceito pela Igreja.

Já o conceito de Espírito é mais difícil de ser entendido. A primeira dificuldade é que a literatura de terror e, particularmente, o cinema criaram uma imagem distorcida de Espírito associada a fantasmas e zumbis, que tinham o intuito de assustar as pessoas. Não é à toa que muitos "morrem" de medo de encontrar algum Espírito.

A segunda dificuldade é que o termo Espírito, mesmo relativamente recente, usado originalmente por Allan Kardec no *Livro dos espíritos*, publicado em 18 de abril de 1857, foi emprestado para designar muitas outras coisas… Quem

nunca ouviu o termo “espírito de porco”, por exemplo?

Sem querer estender o assunto, mas não podendo perder o ensejo, é necessário esclarecer que animais não têm Espírito. Pelo menos, não iguais aos dos seres humanos, pois não têm o instinto racional. Eles são formados de matéria em diferente estado de evolução que, um dia, poderá dar origem a um Espírito, mas que, no momento, ainda está sendo lapidada aqui no planeta, tomando contato com características da Terra, como temperatura, ambiente, entre outros.

Assim, todos nós somos formados da matéria que, um dia, pode ter habitado um corpo de animal, mas não somos a evolução destes e fomos formados apenas com a mesma matéria-prima, o que não reduz o amor que devemos ter para com eles e nem a possibilidade de que, pela convivência, os animais domésticos desenvolvam algumas características humanas, em especial as dos seus donos.

Os Espíritos são criados por Deus a todo o tempo e são parte de sua obra. Quando encarnados, eles são chamados de alma, visando a distinção do termo Espírito. Por esse esclarecimento, vemos que o termo “alma penada” não existe, ficando circunscrito somente à imaginação de quem o criou originalmente.

Esses Espíritos foram criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento do bem e do mal. Eles têm aptidão tanto para o bem quanto para o mal, e pelo livre-arbítrio, terão oportunidade de escolher o caminho a seguir.

O Espiritismo não traz grandes revelações sobre Deus afirmando que ainda não temos condições de compreendê-lo, por causa do nosso pequeno grau de evolução. As únicas “informações” sobre Deus são as trazidas nas obras básicas de Allan Kardec e que vão ao encontro das citadas por Jesus nos Evangelhos.

Deus é qualificado pelo Espiritismo como eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, tendo criado todo o Universo e os seres materiais e espirituais e escolhido a espécie humana para a reencarnação dos Espíritos que atingiram certo grau de desenvolvimento.

Referente a Jesus Cristo, o Espiritismo fala que foi o Espírito mais evoluído a encarnar no planeta e que veio aqui em missão em prol da humanidade. Jesus é considerado pelo Espiritismo como o Governador do planeta Terra.

Apesar de estarmos aqui no planeta, a vida real é a dos Espíritos, já que, como visto anteriormente, o mundo material tem um papel secundário, visando somente a ajudar na evolução do Espírito.

Enquanto encarnados, somos formados pelo corpo material, pelo Espírito e por uma interface que dá forma ao Espírito chamada de perispírito, um elemento que está presente tanto quando o Espírito está encarnado quanto desencarnado.

O perispírito é que dá forma e aparência ao Espírito, neste ou no outro plano. Do Outro Lado vemos os Espíritos com uma determinada aparência, que foi plasmada no perispírito. Espíritos mais evoluídos podem tomar a aparência que

mais lhes aprouver, lembrando que, para estes, a aparência não tem importância se comparada à essência. Já Espíritos pouco evoluídos trazem, em geral, marcas no perispírito que mostram as vibrações negativas que possuem e representam a maldade que praticaram enquanto encarnados. Estes se libertarão delas somente no momento em que evoluírem.

Segundo o Espiritismo, a constituição física dos habitantes difere de mundo para mundo, embora a forma corpórea seja a mesma do homem terrestre, com menor ou maior embelezamento e perfeição, segundo a condição moral dos habitantes. Mesmo os mundos afastados do Sol têm outras fontes de luz e calor, adequadas à constituição dos respectivos habitantes.

Assim como as pessoas são diferentes, os Espíritos também o são. Cada um deles pertence a uma classe diferente, sendo divididos em três ordens.

Os mais evoluídos são os Espíritos puros. Estes já não recebem nenhuma influência da matéria e são identificados por uma superioridade moral e intelectual se comparados aos Espíritos de outras ordens.

A segunda ordem é formada por Espíritos bons, que já possuem o desejo de praticar o bem a todos indistintamente e já têm a predominância da espiritualidade, porém ainda não alcançaram o grau de Espírito puro.

Já a terceira ordem é formada pela maioria dos encarnados no planeta. Neles, ainda predominam a materialidade, a ignorância, o orgulho, o egoísmo e todas as paixões decorrentes dessas imperfeições. Todos os Espíritos que se encontram ainda na condição de inferioridade podem evoluir até chegar ao estágio de Espírito puro. Os Espíritos só evoluem e nunca regridem, ficando, algumas vezes, estacionados por um tempo, até retomarem o caminho do bem.

O local em que um Espírito vai reencarnar é determinado pelo seu grau de evolução e de afinidade com os que estão próximos.

Os tipos de mundo em que um Espírito pode reencarnar são classificados da seguinte maneira pelo Espiritismo:

- Mundos primitivos: locais das primeiras encarnações da alma. Neles, os Espíritos ainda são inferiores aos que habitam o nosso planeta e apresentam forte instinto animal.
- Mundos de expiação e provas: onde o domínio ainda é do mal mesmo havendo muitos espíritos bons encarnados. Esse é o estágio atual do planeta Terra.
- Mundos de regeneração: neles, as almas ainda têm o que expiar, mas já estão totalmente comprometidas com a sua evolução, e o bem já impera.
- Mundos ditosos: neles, há predomínio total do bem. Os Espíritos já estão

desapegados de qualquer tipo de paixão.
- Mundos celestes ou divinos: onde só vivem Espíritos evoluídos. Neles, reina exclusivamente o bem.

Segundo o Espiritismo, a Terra é um planeta ainda de provações e expiações, onde convivem, nem sempre em harmonia, Espíritos bons e Espíritos ainda maus, que juntos têm a oportunidade de aprender com essa convivência. Porém, o planeta está passando por uma transição e, em breve, passará a ser classificado como de regeneração; nesse momento, só encarnarão aqui Espíritos que estiverem em uma condição de evolução melhor, adequada e sintonizada com a nova realidade do planeta.

Este cenário de mudança é apresentado aos espíritas na *Gênese*, escrita por Allan Kardec. Longe de prever catástrofes ou cataclismas, Kardec afirma que a evolução do planeta será gradativa e que só terá lugar no planeta aqueles encarnados que se predispuserem a colocar em prática os ensinamentos deixados por Jesus há mais de 2000 anos.

O Espiritismo afirma que o planeta é regido pela Lei do Progresso, o que indica que ele deve progredir, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Fisicamente, a Terra tem experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que a tornaram sucessivamente habitada por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes.

As instruções dadas pelo Espiritismo revelam que este progresso se dá de duas maneiras: uma lenta, gradual e quase imperceptível; e a outra caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos de progresso da humanidade.

O Espiritismo prevê um movimento universal, visando ao progresso moral da humanidade, e que fará com que a geração futura tenha ideias e sentimentos distintos dos da geração presente. Allan Kardec, entretanto, adverte que uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode realizar-se sem comoções:

Há, inevitavelmente, uma luta de ideias. Desse conflito forçosamente se originarão perturbações passageiras. É, pois, da luta das ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente

materiais.

Segundo o Espiritismo, essa fase já se iniciou e pode ser percebida por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco, afirma Kardec:

Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos passam a se considerar membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam.

Segundo ainda o codificador, outro sinal não menos característico do período em que a humanidade está entrando encontra-se na reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas, e na repulsão instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas.

Como visto, a fase atual é de transição. Nela, confundem-se os elementos das duas gerações, afirma Kardec em *A Gênese*:

Colocados no ponto intermédio, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelos caracteres que lhes são peculiares. Têm ideias e pontos de vista opostos as duas gerações que se sucedem. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo das disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo. Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoce, juntas ao sentimento inato do bem e à crença espiritualista, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

A cada existência encarnada, o Espírito passa por diferentes experiências, novos aprendizados e provações, para que possa aprender, algumas vezes, com os próprios erros. Para facilitar o aprendizado, no momento de reencarnar, o

Espírito se esquece de tudo o que viveu em existências anteriores, visando a oportunidade de um recomeço sem os traumas do passado, ainda que certas reminiscências e tendências fiquem registradas no Espírito. Alguns podem escolher as provas pelas quais vão passar enquanto estiverem encarnados. A escolha dessas provas sempre tem como critério propiciar seu desenvolvimento. Assim, por exemplo, um Espírito que em outra vida fez mau uso do dinheiro, cedendo a todo tipo de paixão, pode escolher, nesta existência, vir privado de recursos materiais, para aprender a valorizar coisas mais elevadas. Ou então, alguém que veio com uma aparência muito bonita e deixou-se levar pelo orgulho pode escolher vir com uma aparência considerada feia, para não sucumbir de novo ao orgulho.

Porém, em muitos casos, processa-se a reencarnação compulsória, em que o Espírito não tem ainda esclarecimento suficiente para escolher as provas pelas quais deve passar, e então, é obrigado a seguir o planejamento feito pela espiritualidade e, muitas vezes, nem o desejo de reencarnar está presente no Espírito.

O Espiritismo revela que todos estão submetidos à Lei de Causa e Efeito. Assim, as deficiências apresentadas nesta encarnação são consequências de atos praticados em outras existências. Como a reencarnação é o processo pelo qual o Espírito se aperfeiçoa, é necessário, em determinados pontos, reparar os delitos cometidos no passado. A causa da deficiência mental, por exemplo, está diretamente ligada ao Espírito, que tenta reequilibrar as próprias energias, buscando a harmonia que lhe falta, por meio de uma vida física limitada.

Referente à escolha da família em que o Espírito vai reencarnar, esta nem sempre se dá por meio de afinidade entre os futuros familiares. Muitas vezes, o laço entre eles será somente corporal, e os Espíritos serão colocados na mesma família para que possam superar desavenças do passado e evoluir juntos.

Durante a gestação, o Espírito já passa a conviver com a mãe para se ambientar a ela e ao planeta, guardando consigo algumas impressões desse período. Assim, o amor dos pais nesse período o ajuda a ganhar ânimo. Já as brigas entre os pais podem gerar traumas e medos no Espírito, e estes o acompanharão enquanto encarnado.

O Espiritismo ensina que a reencarnação é o instrumento pedagógico de que Deus se utiliza para proporcionar a oportunidade da evolução espiritual rumo à perfeição possível. Portanto, permitir, por meio da paternidade ou da maternidade, o retorno de um Espírito que necessita reencarnar para evoluir é um ato de amor e de caridade. Porém, o casal tem o direito de fazer a sua programação familiar e definir quantos filhos terão, levando em consideração fatores, inclusive, de ordem econômica. Dessa forma, a questão é complexa e

deve ser analisada conforme cada caso. Havendo razões realmente justas, pode o homem limitar sua prole, principalmente se o casal já possui filhos e entender que não mais convém ter outros. Assim, o uso de anticoncepcional e outros métodos contraceptivos não são proibidos pelo Espiritismo, exceto aqueles considerados abortivos.

No caso do aborto, que é um dos crimes mais graves que se pode cometer, pois tira a oportunidade de existência de um Espírito, os pais que o praticaram acabam se tornando altamente devedores e, caso o Espirito que teve a oportunidade de reencarnação cerceada não tenha um certo grau de evolução, este poderá se revoltar contra os pais e passar a obsidiá-los, buscando por vingança. O Espiritismo mostra que essa situação é mais comum do que parece.

Portanto, é fundamental que os encarnados tenham consciência da importância da paternidade e maternidade no que tange não somente a dar as bases para que o Espírito possa evoluir moralmente, bem como propiciar a ele a oportunidade da reencarnação. Para compreender isso, é só imaginar o que seria de cada um de nós se nossos pais, movidos por interesses materialistas, deixassem de ter seus filhos. Certamente estaríamos do *Outro Lado* esperando por uma oportunidade.

* Possibilidade de volitar é o Espírito poder se deslocar sem os pés no solo, como se estivesse voando, mas em pé, como a imagem classica dos anjos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, H. M. C. (Org.). *Notáveis reportagens com Chico Xavier*. Rio de Janeiro: Instituto de Difusão Espírita, 2002.

BACCELLI, C. A. *Chico e Emmanuel*. 4. ed. Uberaba: Didier, 2000.

_____. *Chico Xavier: a reencarnação de Allan Kardec*. São Paulo: LEEPP, 2003.

_____. *Chico Xavier: mediunidade e coração*. São Paulo: Ideal, 1985.

_____. *Chico Xavier: o amigo dos animais*. Uberaba: LEEP, 2008.

_____. *O Espiritismo em Uberaba*. Uberaba: Secretária de Educação e Cultura, 1987

_____. *O Evangelho de Chico Xavier*. 5ª ed. Uberaba: Didier, 2002.

_____.; FERNANDES, O. *Mediunidade e apostolado*. Uberaba: Didier, 2003.

_____; FERREIRA, I. *Estudando o Nosso Lar*. 1. ed. Uberaba: LEEPP, 2009.

_____; XAVIER, F. C. *Chico Xavier responde*. Uberaba: LEEP, 2007.

BUENO, I. (Espíritos diversos). *Uma vida de amor e caridade*. 2. ed. Minas Gerais: Espírita Cristã Fonte Viva, 1998.

GALVEZ, N. *Até sempre Chico Xavier*. São Paulo: Centro Espírita União, 2008.

GAMA, R. *Lindos casos de Chico Xavier*. São Paulo: Lake, 2002.

JACINTHO, R. *40 anos no mundo da mediunidade*. São Paulo: Departamento

Editorial Luz no Lar, 1991.

KARDEC, A. *A Gênese*. 52. ed. Araras: IDE, 2008.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 296. ed. Araras: IDE, 2004.

_____. *O livro dos espíritos*. 149. ed. Araras: IDE, 2004.

_____. *O que é Espiritismo*. 57. ed. Araras: IDE, edição, 2004.

NAPOLEÃO, L. da C. e S. *Chico Xavier, o mineiro do século*. Minas Gerais: Lachatre, 2001.

_____. *Nosso amigo Xavier*. Minas Gerais: Napoleão, 1987.

PEREIRA, I. *Fundação Emmanuel*. Uberaba: LEEP, 2006.

PIRES, J. H. (Irmão Saulo). *Chico Xavier pede licença*. São Bernardo do Campo: Grupo Espírita Emmanuel, 1980.

RANIERI, R. A. *Chico Xavier: o santo dos nossos dias*. Rio de Janeiro: Eco, 1988.

_____. *Materializações luminosas*. São Paulo: FEESP, 1989.

SCHUBERT, S. C. *Testemunhos de Chico Xavier*. Brasília: FEB, 1986.

SILVEIRA, A. *Chico, de Francisco*. São Paulo: Cultura Espírita União, 1987.

SOUTO MAIOR, M. *As vidas de Chico Xavier*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

_____. *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

SOUZA, C. C. de. *Encontros com Chico Xavier*. Uberaba: Centro Espírita Aurélio Agostinho, 2001.

SOUZA, Luis Eduardo de. *O Homem que Falava com Espíritos*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. *Desvendando o Nosso Lar*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. *O Mestre Chico Xavier*. São Paulo: Universo dos Livros, 2006.

TAVARES, C. *Trinta anos com Chico Xavier*. 4. ed. Araras: Ideal, 1987.

TIMPONI, M. *A psicografia ante os tribunais*. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

XAVIER, F. C. *À sombra do abacateiro*. São Paulo: Ideal, 1986.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Cidade no além*. 33.ed. Araras: IDE, 2007.

_____. [Ditado por André Luiz]. *E a Vida Continua*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Entre o Céu e a Terra*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Libertação*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB.2007

_____. *Mãos unidas*. 20. ed. São Paulo: IDE, 1996.

_____. *Mediunidade e luz*. São Paulo: Ideal, 1989.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Missionários da luz*. 23.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Nos Domínios da Mediunidade*. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Nosso Lar*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

_____. [Ditado por André Luiz]. *No Mundo Maior*. 17.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Obreiros da Vida Eterna*. 28.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Os Mensageiros*. 45. ed. Rio de Janeiro:

FEB, 2007.

_____. *Parnaso de além-túmulo* (poesias mediúnicas). Rio de Janeiro: FEB, 1978.

_____. *Sinal verde*. Minas Gerais: Comunhão Espírita Cristã, 1971.

_____., F. C.; VIEIRA. [Ditado por André Luiz]. *Sexo e Destino*. 16.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. *Desobsessão*. 14.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. [Ditado por André Luiz]. *Evolução em Dois Mundos*. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. *Mecanismos da Mediunidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

O HOMEM QUE FALAVA COM ESPÍRITOS

Luis Eduardo de Souza



O Homem que Falava com Espíritos tornou-se em pouco tempo uma das principais biografias de Chico Xavier, tendo permanecido por diversas semanas na lista de livros mais vendidos da revista Veja.

Escrito por Luis Eduardo de Souza, um dos principais estudiosos do Espiritismo no país e que passou anos pesquisando a vida do médium, o livro conquistou o público espírita e não espírita pela maneira simples com que narra as principais passagens da vida de Chico Xavier.

Na obra é possível entender o porquê de Chico Xavier ter se tornado mito. Não bastasse sua capacidade de se comunicar com espíritos por meio de sua poderosa mediunidade e as milhares de pessoas que auxiliou por meio das mensagens dos espíritos, Chico exemplificou o desapego a bens materiais doando tudo o que recebeu em direitos autorais e vivendo na mais completa simplicidade durante os 92 anos de existência.

Durante a leitura de O Homem que Falava com Espíritos não há como não se emocionar com a trajetória do médium, do homem, do exemplo e do mito Francisco Cândido Xavier. Para aqueles que acompanharam o filme sobre a vida do médium, este livro é uma obra fundamental para entender o legado de Chico Xavier.

O livro ainda vem acompanhado de um CD de áudio com a narração de ensinamentos trazidos por Chico Xavier durante a sua vida, que poderão ser escutados em qualquer lugar para harmonização e auto-reflexão.

DESVENDANDO O NOSSO LAR

Luis Eduardo de Souza



Nosso Lar, recentemente transformado em filme, é o livro espírita mais importante da história com mais de 1,5 milhão de cópias vendidas.

Esta obra, que vem desde o seu lançamento apaixonando milhões de leitores,

conta a incrível história de André Luiz, que, após o desencarne, passa a habitar uma zona sombria batizada de Umbral, sendo socorrido somente após oito anos de sofrimento e levado para a colônia Nosso Lar, local em que começa a receber esclarecimentos sobre a vida no mundo dos espíritos.

Porém, muitas vezes, leitores de Nosso Lar deixam de perceber que, mais do que uma leitura para simples deleite, este livro traz as respostas para questões existenciais como "De onde vim?", "Para onde vou?" ou "Por que estou aqui?", mostrando em detalhes como é a vida do outro lado.

No livro Desvendando o Nosso Lar, os leitores terão a oportunidade de conhecer em detalhes a vida no mundo dos espíritos, a partir de explicações de tudo o que encontraremos no outro lado, mostrando, por exemplo, como é o vestuário, a alimentação e a moradia dos espíritos, os meios de locomoção, as oportunidades de trabalho oferecidas, e como se dá o reencontro com os amigos e parentes, entre outros.

Com isso, leitores ávidos por conhecer melhor o mundo dos espíritos poderão encontrar explicações sobre a vida no Outro Lar e assim, quem sabe, responder as questões que nos intrigam desde sempre.